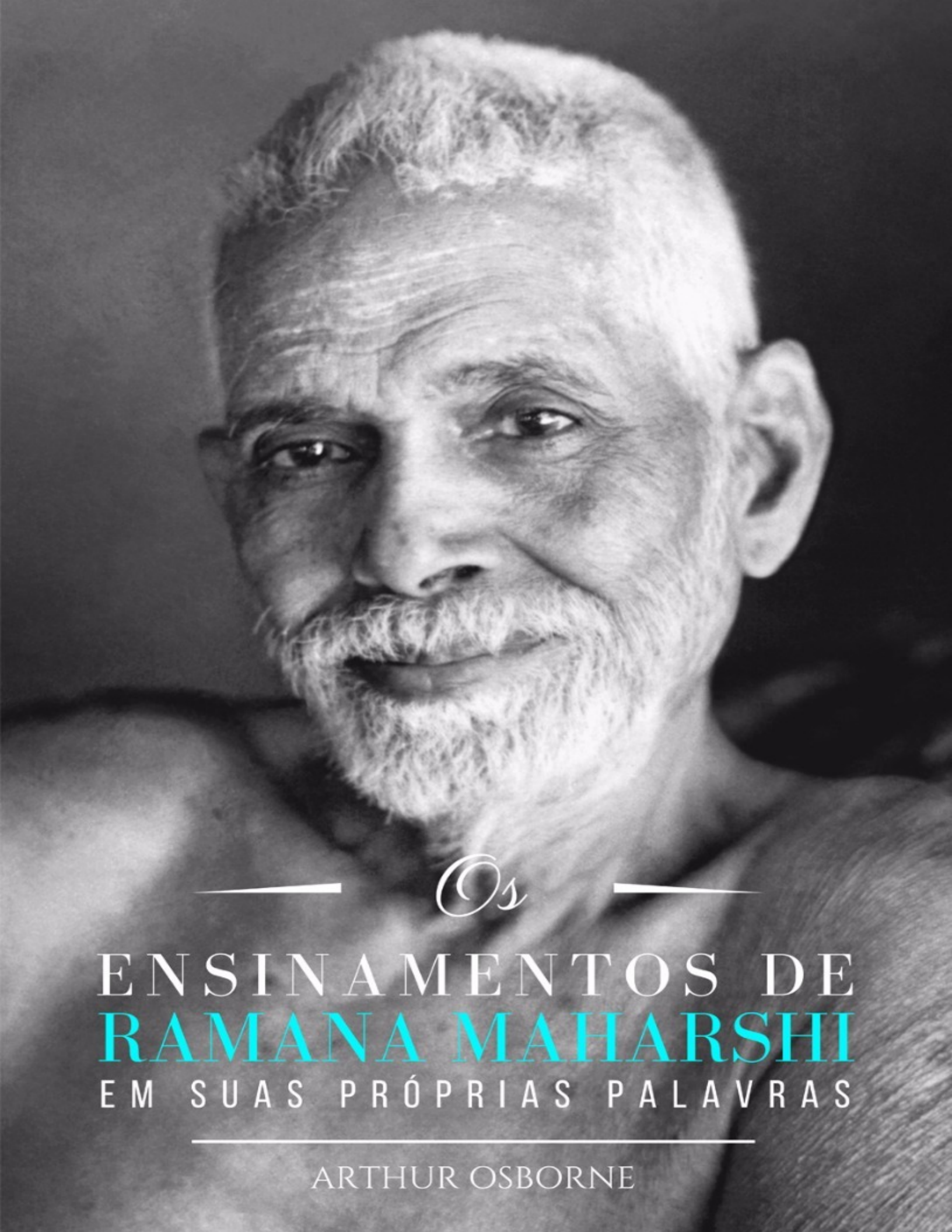
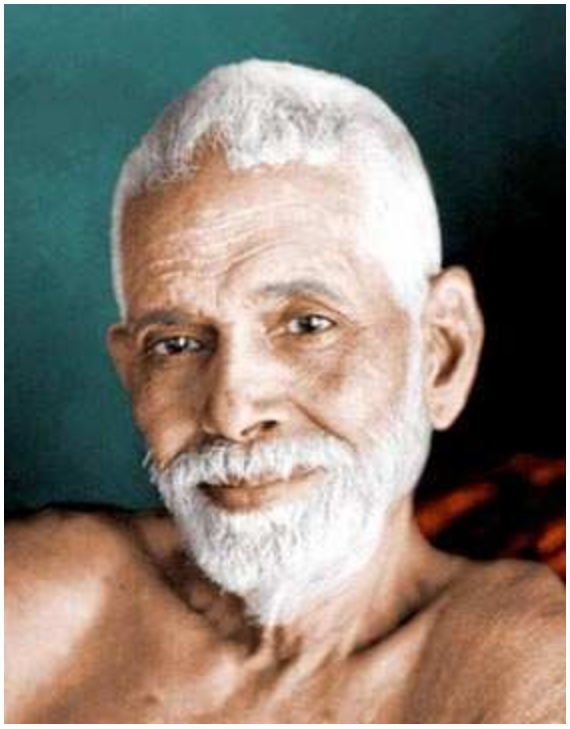


Os ENSINAMENTOS DE RAMANA MAHARSHI

EM SUAS PRÓPRIAS PALAVRAS

ARTHUR OSBORNE



Os Ensinamentos de

Ramana Maharshi

em Suas Próprias Palavras

Editado por:

Arthur Osborne

Tradução para o português:

Niraj

SRI RAMANASRAMAM

Tiruvannamalai

2002

1

© Sri Ramanasramam

Tiruvannamalai

Sétima edição: 1996 – 5000 cópias

Oitava edição: 2002 – 3000 cópias

ISBN: 81-88018-15-5

Publicado por:

V.S. RAMANAN

Presidente, Conselho de Diretores

Sri Ramanasramam

Tiruvannamalai 606 603

Tamil Nadu

India

Tel.: 91-4175- 237292/237200

Tel/Fax: 91-4175- 237491

E-mail: ashram@ramana-maharshi.org

Site: www.ramana-maharshi.org

Também publicado por:

Messrs. Rider & Company, Londres, Inglaterra

(para venda fora da Índia).

Design e composição:

Sri Ramanasramam

Impresso por:

Sudarsan Graphics

Chennai 600 017

ÍNDICE

Página

Lista de Abreviações.....4

Nota do Tradutor.....5

Prefácio.....7

Capítulo I

A TEORIA BÁSICA.....10

Capítulo II

DA TEORIA À PRÁTICA.....45

Capítulo III

A VIDA NO MUNDO.....54

Capítulo IV

O GURU.....65

Capítulo Cinco

AUTO-INQUIRIÇÃO.....76

Capítulo Seis

OUTROS MÉTODOS.....96

Capítulo Sete

A META.....119

Glossário.....135

Índice Remissivo.....143

Contracapa.....
.....149

3

LISTA DE ABREVIAÇÕES

D.D. Day by Day with Bhagavan, por A. Devaraja Mudaliar (5a edição, 2002) E.I. Essence of Instruction

F.V. Forty Verses

F.V.S. Supplementary Forty Verses

M. G. Maharshi’s Gospel (12a Edição, 2000)

R.M. Ramana Maharshi and the Path of Self-knowledge, por Arthur Osborne S.D.B. Sat Darsana Bhashya

S.E. Self-Enquiry

S.I. Spiritual Instruction

T. Talks with Ramana Maharshi

W. Who am I?

Os números de referência indicam o número da página, a não ser nas obras Essence of Instruction, Forty Verses e Supplementary Forty Verses, no qual eles se referem ao número do verso, e em Talks with Ramana Maharshi, no qual eles se referem ao número serial do diálogo. Em Who am I?, Self-Enquiry e Spiritual Instruction, eles se referem ao número da pergunta.

4

NOTA DO TRADUTOR

Na realização do presente trabalho tivemos como objetivo fornecer uma tradução fiel e acessível do livro original, The Teachings of Ramana

Maharshi in His Own Words, tendo como paradigma o ponto de vista do leitor que nada conhece a respeito.

Tal orientação não nos impediu, entretanto, de buscar as fontes originais das quais foram tiradas as inúmeras citações que compõem este livro e, num processo de comparação crítica entre as versões às quais tivemos acesso, escolher a melhor forma de expressar os ensinamentos de Ramana Maharshi. Principalmente no que se refere aos trechos extraídos dos textos filosóficos e poéticos que o próprio Bhagavan escreveu, consultamos a tradução inglesa de mais de um autor – sempre dando preferência àqueles que viveram com o Mestre (Guru) e dele receberam ensinamentos e esclarecimentos diretos. Isso porque os textos originais, compostos em Tâmil ou outra língua de origem dravidiana, seguidamente frustram as tentativas de tradução literal de seu conteúdo.

Assim, todos os trechos retirados das seguintes obras foram comparados com as traduções presentes no The Path of Sri Ramana de Sri Sadhu Om, e no Maha Yoga de Sri Lakshmana Sarma, sendo a nossa tradução final um produto deste processo: Essence of Instruction (Upadesa Undyar); Forty Verses e Supplementary Forty Verses (Ulladu Narpadu) e Who am I? (Nan Yar?). Também, algumas transcrições feitas do Talks with Sri Ramana Maharshi foram comparadas com o original.

Cada palavra foi cuidadosamente escolhida, de forma que não raro nós consultamos os dicionários mesmo quando traduzindo palavras e expressões já conhecidas. Os trechos entre parênteses já estavam contidos no original em inglês; já o que se encontra entre colchetes foi acrescentado por nós com a intenção de esclarecer o significado do ensinamento, quando uma tradução literal não bastava, ou quando a comparação com outras fontes indicasse ser desejável tal medida.

O texto original não continha um glossário, como é indicado no Prefácio.

Entretanto, atentando ao fato de que muitos termos que já são conhecidos aos leitores de língua inglesa interessados no assunto não o são ao público geral brasileiro, achamos oportuna a inclusão de um glossário ao final do livro, onde as palavras de origem estrangeira estão brevemente explicadas. O glossário foi desenvolvido com base nos glossários presentes em outros

livros do Ramana Maharshi (tais como: The Collected Works of Ramana Maharshi1; Be As You Are2; Ensinamentos Espirituais3; e Ramana Maharshi e o Caminho do Autoconhecimento4) e também por meio de livre pesquisa do tradutor.

O nom completo pelo qual o mestre era conhecido é Bhagavan Sri Ramana Maharshi. No texto ele é em geral chamado Bhagavan, mas, a fim de evitar a deselegância e o desgaste da repetição, também por vezes o chamamos Sri Ramana, Ramana Maharshi ou apenas Maharshi5.

1 Editado por Arthur Osborne. Edição de 1997 por Red Wheel/Weiser LLC (Boston, EUA).

2 Editado por David Godman e publicado em 1985 por Penguin Arkana (Londres, Inglaterra).

3 Publicado no Brasil pela Editora Pensamento.

4 Editado por Arthur Osborne e publicado no Brasil pela Editora Pensamento.

5 Maharshi significa “Grande Sábio”, sendo um título dado àqueles Mestres que inauguram um novo caminho espiritual para a humanidade. Pronuncia-se “maharixi”, com o h aspirado.

Outras palavras também freqüentemente utilizadas no texto são Sat e Ananda. Sat foi às vezes traduzida como “Existência”, outras vezes como “Ser”, tendo também o significado de “Verdade” e “Realidade”. Ananda foi em geral traduzida como “Bem-Aventurança”, tendo-se às vezes usado as palavras “Felicidade” e “Beatitude” a fim de evitar a repetição. Todos esses termos devem ser entendidos como sinônimos.

Um dos pontos mais difíceis da tradução foi a palavra Atma. Em outros livros já publicados no Brasil (sobre Yoga, filosofia oriental, e sobre Ramana Maharshi também), Atma foi traduzida como “Eu Superior”, “Si”, “Si-Mesmo”, “Espírito” e “Verdadeiro Eu”.

Em inglês o termo utilizado é sempre Self, para Atma̧ e I ou self (com minúscula) para o ego (em sânscrito, ahamkara). Em português é mais difícil manter essa distinção. Optamos por traduzir ahamkara (ou self) por “ego” ou “eu” (letra minúscula); e Atma (Self) por “Eu Real”, ou “Eu”. Isso porque Sri Ramana era categórico ao afirmar que não existem dois

“eus”, um superior e outro inferior, mas que existe apenas um Eu, e que o ego, o que os seres não iluminados tem como seu “eu”, é irreal, sendo apenas um reflexo do verdadeiro Eu1.

Qualquer imperfeição ou erro encontrado no presente livro deve ser atribuído à nós, e não ao editor original do livro, Arthur Osborne, muito menos ao Bhagavan.

Agradecemos sinceramente ao Sri Ramanasramam por nos ter cedido os direitos autorais e por confiar a nós a tarefa da tradução. Que esta obra sirva como uma luz para orientar os buscadores da Verdade.

Niraj

1 “É ridículo dizer “realizei o Eu (Atman) ” ou “não realizei o Eu (Atman)”. Por acaso existem dois eus, para um ser objeto da realização do outro? A verdade da experiência de todos é que existe apenas um Eu.” (Verso 33 do Ulladu Narpadu, tradução de Arthur Osborne).

“Geralmente se diz: ‘Conhece-te a ti mesmo’. Mas mesmo isso não está correto, pois se nós falamos em conhecer o Eu, devem existir dois Eus, um que conhece, o outro que é conhecido, e o processo do conhecimento. [Mas] o estado que nós chamamos de Realização é simplesmente ser quem você é, [e] não conhecer algo ou tornar-se algo. Se alguém alcançou a Realização, ele é apenas aquilo que é e que sempre foi.” – Thus Spake Ramana, 67.

PREFÁCIO

Durante mais de meio século vivendo em Tiruvannamalai, Bhagavan Sri Ramana Maharshi foi visitado por uma corrente constante de pessoas

vindas de todas as partes da Índia e também do Ocidente, pessoas buscando instrução espiritual, consolo para seu sofrimento, ou simplesmente a experiência de sua presença. Durante todos esses anos, apesar de ele ter escrito muito pouco, alguns registros de suas conversas com os visitantes foram preservados e posteriormente publicados por seu Ashram. A maioria dessas publicações foram formatadas em estilo de diário, com poucas divisões de acordo com o assunto. O propósito do presente livro é construir uma exposição geral dos ensinamentos do Ramana Maharshi, selecionando e reunindo passagens extraídas desses diálogos e de seus escritos (publicados como ‘The Collected Works of Ramana Maharshi’ por Messrs.

Rider & Co., na Inglaterra, e pelo Sri Ramanasramam na Índia). Os comentários do editor foram reduzidos ao mínimo e impressos em letra de menor tamanho a fim de diferenciá-los das próprias palavras do Maharshi.

Nenhuma distinção foi feita entre os momentos em que o Maharshi fez alguma declaração e os momentos em que nenhuma declaração era necessária, já que ele não era um filósofo construindo um sistema, mas sim um homem Realizado falando a partir de seu conhecimento direto. Às vezes acontece de o buscador no caminho espiritual, ou até mesmo aquele que não começou a buscá-lo conscientemente, ter um relance de Realização durante o qual, por uma breve eternidade, ele experimenta a convicção absoluta da realidade de seu Eu divino, imutável e universal. Tal experiência veio para o Maharshi quando ele era um garoto de dezessete anos. Ele mesmo a descreveu.

“Foi mais ou menos seis semanas antes de deixar Madurai permanentemente que a grande mudança ocorreu na minha vida. Aconteceu inesperadamente. Eu estava sentado sozinho em uma sala do primeiro andar da casa de meu tio. Eu raramente adoecia, e naquele dia minha saúde estava normal, mas repentinamente eu fui tomado por um violento medo de morrer. Nada no meu estado de saúde explicava isso, e eu não tentei justificar esse medo, nem procurei suas causas. Eu apenas senti

‘Vou morrer’ e comecei a pensar o que fazer a respeito disso. Não pensei em consultar um médico, meus parentes ou meus amigos; eu senti que precisava resolver o problema por mim mesmo, ali mesmo.

O choque do medo da morte fez minha mente voltar-se para o interior, e eu disse a mim mesmo, sem na verdade moldar em palavras: ‘Agora a morte chegou; o que isso significa? O que está morrendo? O corpo morre.’ Então imediatamente comecei a dramatizar a ocorrência da morte. Eu deitei com os meus membros esticados e duros como se estivesse ocorrendo o rigor mortis, e imitei um cadáver para tornar a inquirição mais realista. Prendi a respiração e mantive os lábios firmemente fechados a fim de não deixar escapar nenhum som, de maneira que nem mesmo a palavra “eu” e nem qualquer outra palavra pudesse ser pronunciada.

‘Então’, disse a mim mesmo, ‘este corpo está morto. Ele vai ser carregado duro até a pira de fogo e lá será queimado e reduzido a cinzas. Mas com a morte deste corpo eu morro? Este corpo é o Eu? Ele está silencioso e inerte, mas eu sinto a força total de 7

minha existência, e até mesmo a voz do “eu” dentro de mim, separadas do corpo.

Então eu sou o espírito que transcende o corpo. O corpo morre mas o Espírito que o transcende não pode ser tocado pela morte. Isso significa que eu sou o Espírito Imortal’. Isso tudo não foi um pensamento obscuro; foi uma verdade viva que brilhou através de mim e que percebi diretamente, quase sem o processo do pensamento. ‘Eu’ era algo muito real, a única coisa real no meu estado presente, e todas as atividades conscientes ligadas ao meu corpo estavam centradas naquele

‘Eu’. A partir daquele momento o ‘Eu’ ou ‘Si-mesmo’ focou a atenção em si mesmo por meio de uma poderosa fascinação. O medo da morte desapareceu de vez, e a absorção no Eu Real continuou ininterrupta desde então.”1

Esta última frase é que é a mais notável, pois em geral experiências como essas passam rapidamente, apesar de deixarem na mente uma impressão de certeza que nunca mais é esquecida. Apenas em casos raros essa experiência se revela permanente, deixando o homem a partir daí em constante identidade com o Eu Universal. Tal foi o caso do Maharshi.

Logo após essa mudança acontecer, o jovem que posteriormente seria chamado

“Maharshi” deixou o lar como um sadhu. Ele então foi para Tiruvannamalai, a cidade ao pé da montanha sagrada Arunachala, e lá permaneceu pelo resto de sua vida.

Por alguns meses ele apenas ficou sentado imerso na Divina Bem-Aventurança, sem falar, comendo raramente, negligenciando completamente o corpo que ele não mais precisava. No entanto, aos poucos devotos foram se reunindo ao seu redor e, a fim de ajudá-los, ele voltou a ter uma vida exterior normal. Muitos deles, ansiando por ensinamentos, lhe traziam livros para que lesse e comentasse, e assim ele tornou-se erudito quase que por acaso, nem buscando e nem dando valor à erudição. O antigo ensinamento da não-dualidade que ele assim estudava apenas formalizava a verdade que ele já havia realizado. Ele mesmo explica esse incidente:

“Eu não tinha lido nenhum livro além do Periapuranam, da Bíblia e de trechos do Thayumanavar ou Tevaram. Meu conceito de Ishvara era semelhante ao encontrado nos Puranas; eu nunca tinha ouvido falar em Brahman, samsara, etc. Eu ainda não sabia que havia uma essência ou Realidade impessoal que é a base de tudo, e que Ishvara e eu ambos somos idênticos a Ela. Posteriormente, em Tiruvannamalai, ouvindo o Ribhu Gita e outras escrituras, aprendi tudo isso e percebi que os livros analisavam e nomeavam o que eu havia sentido intuitivamente sem análise nem nominação.”2

Talvez seja necessário falar sobre como Ramana Maharshi respondia às perguntas.

Não havia nada pesado ou sacramental nas suas respostas. Ele falava livremente, muitas vezes respondendo com risadas e humor. Se o questionador não ficava satisfeito com as respostas ele era livre para fazer objeções ou pedir esclarecimentos. Já foi dito que o Maharshi ensinava no silêncio, mas isso não significa que ele não dava explicações verbais, mas apenas que estas não eram o seu ensinamento essencial. Este era experimentado como uma influência silenciosa no Coração. O poder de sua presença era 1 R. M., pp. 8-10

esmagador e sua beleza era indescritível, mas, simultaneamente, ele era completamente simples, natural, despretensioso, desafetado.

Para fins de legenda, o questionador foi referido nos diálogos deste livro como “D”, significando devoto ou discípulo, exceto em casos em que um nome lhe é dado ou quando, por alguma razão, a palavra “devoto” não era aplicável. As respostas de Ramana Maharshi foram indicadas por “B” de Bhagavan, já que ele era comumente interpelado por este título e na terceira pessoa. Na verdade, “Bhagavan” é uma palavra geralmente usada com o sentido de “Deus”, mas é também usada naqueles casos raros em que um ser humano se sente completamente, como Cristo o expressou, “Um com o Pai”. É o mesmo com o nome

“Buda”, comumente traduzido como o “O Abençoado” ou “O Desperto”.

As palavras em Sânscrito foram evitadas ao máximo, a fim de tornar este livro mais acessível, e também para não dar a impressão errada de que a busca pela Auto-Realização é algum tipo de ciência complicada, que tem como pré-requisito um conhecimento da terminologia Sânscrita. É verdade que existem ciências espirituais que têm uma terminologia técnica própria, mas estas são mais indiretas. A verdade simples e clara acerca da não-dualidade, tal como ensinada pelo Bhagavan, bem como o caminho direto da auto-inquirição que ele indicou, podem ser expressos em linguagem simples; e, de fato, ele assim o fez quando falava aos ocidentais, que não tinham acesso à terminologia Sânscrita.

Nos raros casos em que um termo Sânscrito parecia necessário, o seu significado foi indicado entre parênteses, de forma a não precisar de um glossário. Também deve ser lembrado que as palavras “Iluminação”, “Libertação” e “Auto-Realização” são todas usadas com o mesmo sentido, correspondendo às palavras Sânscritas Jnana, Moksha e Mukti, respectivamente.

Nos pontos em que a citação original em inglês era ambígua esta foi alterada. Isso não acarreta nenhuma infidelidade ao texto já que as respostas eram geralmente dadas em Tamil ou em outra língua do sul da Índia, e apenas posteriormente traduzidas para o inglês.

O significado não foi alterado.

ARTHUR OSBORNE

9

- Capítulo Um –

A TEORIA BÁSICA

Os leitores de índole mais filosófica podem achar estranho que o primeiro capítulo desta obra seja intitulado ‘A Teoria Básica’. Pode lhes parecer que a obra toda deveria ser dedicada à teoria. Na verdade, entretanto, Ramana Maharshi estava muito mais envolvido com o trabalho prático de treinar os aspirantes do que com a exposição da teoria. A teoria tinha a sua importância apenas como base para a prática.

D.: Dizem que o Buda ignorava perguntas sobre Deus.

B.: Sim, e por isso ele era chamado de agnóstico. Na verdade o Buda apenas se ocupava em guiar o buscador para realizar a Bem-Aventurança aqui e agora, ignorando discussões filosóficas sobre Deus e outros assuntos metafísicos.1

D.: O estudo da ciência, psicologia, fisiologia, etc., ajuda a alcançar a Libertação do Yoga ou a compreender intuitivamente a unidade da Realidade?

B.: Muito pouco. Um pouco de conhecimento teórico é necessário para o Yoga, e este pode ser encontrado em livros, mas a aplicação prática é o que é indispensável. O exemplo e a instrução pessoais são as maiores ajudas. Quanto à compreensão intuitiva, a pessoa pode esforçadamente se convencer da verdade a ser compreendida pela intuição, da sua função e

natureza, mas a intuição real é mais um sentimento, e requer um contato concreto e pessoal. O mero aprendizado de livros não é de grande utilidade. Depois da Realização todas as cargas intelectuais viram fardos a serem jogados fora.2

Preocupação com teoria, doutrina e filosofia pode de fato ser danoso, na medida em que distrai a pessoa do esforço espiritual, que é o que realmente importa, oferecendo uma alternativa mais fácil, meramente mental, e que por isso mesmo não pode mudar a sua natureza.

Qual é a utilidade do aprendizado para aqueles que não buscam erradicar as cartas do destino3 (escritas em sua fronte), inquirindo: “De onde nascemos nós que conhecemos essas cartas?” Eles se equiparam a um gravador. O que mais eles são, Oh Arunachala?

Os pouco instruídos se libertam mais facilmente do que aqueles cujo ego não se abrandou apesar de toda a sua cultura. Os chamados homens sem cultura estão livres do domínio implacável do demônio da auto-fascinação; eles estão livres da doença da turbulência de pensamentos e palavras; eles estão livres de correr atrás de riqueza. É de mais de um mal que estão livres.4

De igual maneira, ele não dava nenhum valor às discussões teóricas.

1 M. G., p. 42

2 T., 28

3 Aqui Ramana Maharshi faz referência à crença indiana que diz que o destino (karma) de cada pessoa está escrito no seu rosto. [N.T.]

4 F. V. S., 35, 36

10

É devido à ilusão nascida da ignorância que as pessoas falham em reconhecer e permanecer Naquilo que é sempre e para todos a Realidade inerente habitando como Eu Real em seu centro natura, o Coração, e que,

ao invés disso, elas discutem se Ela existe ou não, se tem forma ou não, se é dual ou não-dual.1

Pode algo surgir separado daquilo que é eterno e perfeito? Esses tipos de disputa são infindáveis. Não participe delas. Ao invés disso, volte a sua mente para o interior e ponha um fim a tudo isso. Todas as disputas são fúteis.2

Em última análise, até mesmo as escrituras são inúteis.

As escrituras servem para indicar a existência do Poder Maior, ou Eu Real, e apontar o caminho rumo a Isto. Este é seu propósito essencial, e fora disso elas são inúteis. No entanto, elas são muito volumosas a fim de poder adaptar-se ao nível de desenvolvimento de cada buscador. A medida que o homem avança na escalada ele vê os estágios já alcançados apenas como degraus para estágios mais elevados, até que alcança o objetivo final. Quando isso acontece apenas a meta permanece, e tudo o mais, inclusive as escrituras, se torna inútil.3

Às vezes, é verdade, ele expunha a filosofia em toda a sua complexidade, mas fazia isso apenas como uma concessão à fraqueza daqueles que estavam viciados ao pensamento, como ele mesmo disse na sua obra Auto-Inquirição. Eu pensei em transcrever aqui essa citação, mas encontrei esta passagem que também traz este conselho: O labirinto complexo da filosofia das várias escolas tem como propósito apenas clarificar os assuntos e revelar a Verdade, mas na verdade, o que faz é criar confusão quando nenhuma deveria existir. Para entender qualquer coisa deve haver um eu. O Eu é evidente, então por que não permanecer como o Eu? O que o não-eu precisa explicar?

E espontaneamente ele acrescenta:

Eu fui realmente feliz por nunca ter me interessado por filosofia. Se eu tivesse me envolvido com ela provavelmente não teria chegado a lugar algum; mas as minhas tendências mentais inatas me levaram diretamente a indagar “Quem sou eu?” Que bom!4

O MUNDO – REAL OU ILUSÓRIO

No entanto, algum ensinamento teórico é necessário para formar a base do trabalho espiritual concreto. Com o Maharshi este ensinamento foi o da não-dualidade, em sintonia com os ensinamentos do grande sábio hindu Shankara. Essa sintonia não significa, entretanto, que o Maharshi foi 'influenciado' por Shankara, mas apenas que ele reconhecia o ensinamento de Shankara como uma exposição verdadeira daquilo que ele mesmo havia realizado por meio do conhecimento direto.

1 F. V., 34

2 T., 132

3 T., 63

4 T., 392

11

D.: O ensinamento de Bhagavan é igual ao de Shankara?

B.: O ensinamento de Bhagavan é uma expressão da sua própria experiência e realização. Os outros o vêem como correspondente ao ensinamento de Sri Shankara.1

D.: Como podemos concordar com Shankara que diz que este mundo é ilusório se os Upanishads dizem que tudo é Brahman?

B.: Shankara também disse que esse mundo é Brahman ou Eu Real. O que ele desaprovava era imaginar que o Eu Real é limitado pelos nomes e formas que constituem o mundo. Ele apenas disse que o mundo não possui nenhuma realidade além de Brahman. O

Brahman ou Eu Real é como uma tela de cinema, e o mundo é como as imagens que aparecem nela. Você só vê a imagem enquanto há uma tela. Mas quando o próprio observador se torna a tela apenas o Eu Real permanece.2

Shankara foi criticado por sua filosofia de Maya (ilusão) sem que fosse compreendido.

Ele fez três declarações: 1o) Brahman é real; 2o) o universo é irreal; 3o) Brahman é o universo. Ele não parou na segunda. A terceira declaração explica as duas primeiras – ela significa que a percepção do universo como separado de Brahman é falsa e ilusória.

Equivale a dizer que os fenômenos são reais quando experienciados como sendo o Eu Real, e ilusórios quando vistos separados Dele.3

Apenas o Eu existe e é real. O mundo, o indivíduo e Deus são criações imaginárias dentro do Eu, tal como o aparecimento da prata na madrepérola.4 Eles aparecem e desaparecem simultaneamente. Na verdade, apenas o Eu Real é o mundo, o "eu", e Deus.

Tudo o que existe é apenas uma manifestação do Eu Supremo.5

D.: O que é a Realidade?

B.: A Realidade é sempre real. Ela não tem nomes nem formas mas é o que os sustenta. Ela é a base de todas as limitações, sendo em si mesma ilimitada. Ela não é confinada a nada. Ela é a base de tudo o que é irreal, sendo em si Real. É aquilo que é. Ela é como é. A realidade transcende a fala e está além de descrições tais como ser e não-ser.6

Ele não se enredava em contradições aparentes, sendo estas meros frutos de um ponto de vista diverso ou de uma maneira diferente de se expressar.

D.: Os budistas negam o mundo enquanto que a filosofia Hindu aceita a sua existência mas o tem como irreal, não é isso?

B.: É apenas uma diferença de ponto de vista.

D.: Eles dizem que o mundo é criado pela Energia Divina (Shakti). O conhecimento do que é irreal se dá devido à ilusão (Maya) que cobre a Realidade?

B.: Todos aceitam que a criação foi feita pela Energia Divina, mas qual é a natureza desta energia? Deve ser correspondente à natureza da sua criação.

D.: Existem graus de ilusão?

1 T., 189

2 D. D., p. 238

3 R. M., p. 92

4 Como será explicado posteriormente, isso não implica em “ateísmo”, assim como a citação anterior não implica em “panteísmo”. De fato, os rótulos não ajudam muito a compreender aquilo que não é um sistema filosófico, mas sim a base teórica para a prática espiritual. [N.A.]

5 W., § 16

6 T., 140

B.: A ilusão é em si ilusória. Ela deve ser vista por alguém que encontra-se fora dela, mas como pode um observador assim estar sujeito a ela? Então, como ele pode falar de graus de ilusão?

Você vê várias cenas passando na tela de cinema: o fogo parece queimar os prédios, a água parece naufragar navios, mas a tela sobre a qual as imagens são projetadas não é queimada pelo fogo nem molhada pela água. Por quê? Porque as imagens são irreais e a tela é real. Semelhantemente, inúmeras imagens são refletidas num espelho sem que este seja afetado por elas. Igualmente, o mundo é um fenômeno sobre o substrato da Realidade única que não é por ele afetado de maneira alguma. A Realidade é apenas uma.

Falar-se de ilusão é apenas devido ao ponto de vista. Mude o seu ponto de vista para o do Conhecimento absoluto e você perceberá que o universo nada mais é do que Brahman.

Estando agora imerso no mundo você vê este mundo como real; transcenda-o e ele desaparecerá, restando apenas o Real.1

Como o seguinte trecho mostra, o postulado de uma Realidade universal requer o conceito de um processo de ilusão ou criação para explicar a realidade aparente do mundo.

O mundo é percebido como uma realidade aparentemente objetiva quando a mente se exterioriza, abandonando assim a sua identidade com o Eu Real. Quando o mundo é assim percebido a natureza do Eu Real permanece velada; também, quando o Eu Real é realizado o mundo cessa de ser percebido como uma realidade objetiva.2

A ilusão é aquilo que faz as pessoas tomarem por inexistente e irreal aquilo que está sempre presente e a tudo permeando, aquele Eu que é perfeito e auto-luminoso, e que é de fato o centro do Ser de cada pessoa. Igualmente, a ilusão é aquilo que faz os seres tomarem por real e existente por si aquilo que é inexistente e irreal, isto é, a trilogia mundo-ego-Deus.3

O mundo é mesmo real, mas não como uma realidade independente e auto-subsistente, assim como o homem que você vê no sonho é real como figura onírica, mas não como homem.

O mundo é real tanto para aqueles que não realizaram quanto para aqueles que realizaram o Eu Real. Mas para os que não realizaram, a Verdade é delimitada pela forma do mundo, enquanto que para os que realizaram, a Verdade brilha como a perfeição sem forma a Realidade sobre a qual o mundo aparece. Esta é a única diferença entre eles.4

[Um devoto relatou o que segue.] Eu me lembro que o Bhagavan às vezes dizia que irreal (mithya, imaginário) e real (satyam) têm o mesmo significado, mas eu não entendi bem, então perguntei-lhe a respeito. Ele disse: “Sim, às vezes eu digo isso. O que você entende por ‘real’? O que você chama de ‘real’?”

Eu respondi: “De acordo com o Vedanta apenas aquilo que é permanente e imutável pode ser chamado de real. Este é o significado de ‘Realidade’.”

Então o Bhagavan disse: “Os nomes e formas que constituem o mundo estão constantemente mudando e desaparecendo, e por isso são chamados de irreais. É irreal 1 T., 446

2 W., § 8

3 S. I., Capítulo II, § 5

(imaginário) limitar o Eu Supremo a estes nomes e formas e real considerá-los todos como sendo este Eu. O não-dualista diz que o mundo é irreal, mas ele também diz, ‘Tudo isto é Brahman’. Então fica claro que o que ele condena é ver o mundo como objetivamente real em si mesmo, sem encará-lo como sendo Brahman. Aquele que vê o Eu Real vê também o mundo apenas como o Eu Real. Para o Iluminado é irrelevante se o mundo aparece ou não, pois quer ele apareça quer não, sua atenção permanece sempre voltada ao Eu Real. É como as letras e o papel sobre o qual elas são impressas. Você está tão absorto nas letras que você esquece do papel, mas os Iluminados vêem o papel como o substrato, quer as letras apareçam nele ou não.1

Isso é expresso de maneira ainda mais sucinta assim:

Os Vedantins não dizem que o mundo é irreal. Isso é um equívoco. Se assim pensassem, qual seria o significado de texto Vedântico: “Tudo isto é Brahman”? Eles apenas querem dizer que o mundo é irreal como tal, mas real como sendo o Eu. Mas se você perceber o mundo como não-Eu, ele é irreal. Tudo o que existe, quer você chame de ilusão (Maya), Brincadeira Divina (Lila) ou Energia (Shakti), deve existir dentro do Eu Real, e não fora dele.2

Antes de seguir em frente – tendo exposto a teoria de que o mundo é uma manifestação do Eu Real, desprovido de uma realidade objetiva – deve-se sublinhar mais uma vez que a teoria só era importante para o Maharshi na medida em que ajudasse o desenvolvimento espiritual do homem, e não era vista como um fim em si mesma. A cosmologia, como entendida pela física moderna, não lhe interessava nem um pouco.

D.: Os Vedas contém descrições conflitantes sobre a cosmogonia. Em um lugar dizem que o éter foi a primeira coisa a ser criada, noutro que foi a energia vital, noutro que foi a água, etc. Como tudo isso pode ser conciliado? Isso não prejudica a credibilidade dos Vedas?

B.: Diferentes observadores viram diferentes aspectos da verdade em tempos diferentes, e cada um enfatizou um ponto de vista particular. Por que você se preocupa com as suas declarações conflitantes? O objetivo principal dos Vedas é nos ensinar a natureza do Eu imperecível e mostrar que nós somos Isto.

D.: Quanto a esta parte eu estou satisfeito.

B.: Então trate todo o resto como argumentos auxiliares ou como exposições para o ignorante que deseja saber a origem das coisas.3

O Major Chadwick estava copiando a tradução em inglês do texto Tâmil Kayvalya Navaneeta quando se deparou com termos que teve dificuldade em compreender. Ele então questionou Bhagavan sobre eles, e Bhagavan respondeu: “Essas partes lidam com teorias da criação. Elas não são essenciais porque o propósito real das escrituras não é expor tais teorias. Elas mencionam as teorias casualmente, em favor daqueles leitores que possam se interessar por elas. A verdade é que o mundo surge como uma sombra passageira em um holofote. A luz é necessária até para ver a sombra. Não vale a pena fazer 1 D. D., pp. 307-8

2 D. D., p. 269

3 T., 30

nenhum estudo especial, análise ou discussão sobre a sombra. O propósito das escrituras é falar sobre o Eu Real – aquilo que é dito sobre a criação pode ser dispensado por hora.”

Depois, Sri Bhagavan continuou: “O Vedanta diz que o cosmos surge simultaneamente com aquele que o vê, sem expor nenhum processo detalhado de criação.

É semelhante a um sonho, no qual aquele que experimenta o sonho surge simultaneamente ao sonho que ele experimenta. Entretanto, algumas pessoas se apegam tão firmemente ao conhecimento objetivo que elas não

ficam satisfeitas ouvindo isso. Elas querem saber como a criação súbita pode ser possível, e argumentam que um efeito deve ser precedido por uma causa. Na verdade elas desejam uma explicação do mundo que vêem a sua volta.

Então as escrituras tentam satisfazer sua curiosidade expondo essas teorias. Este método de lidar com o assunto é chamado de teoria da criação gradual, mas o verdadeiro buscador espiritual se satisfaz com a teoria da criação instantânea."1

A NATUREZA DO HOMEM

Chegamos agora à essência da teoria: a natureza do homem. Independente do que o homem pensa a respeito da realidade do mundo ou da existência de Deus, ele sabe por certo que ele existe. E é com o propósito de entender e, ao mesmo tempo, aperfeiçoar a si mesmo, que ele estuda e busca a instrução espiritual.

O indivíduo que identifica a sua própria existência com a existência da vida no corpo físico, e o toma como "eu", é chamado de ego. O Eu Real, que é pura Consciência, não tem sentimento de ego ligado ao corpo. Nem pode o corpo físico, que é por si só inerte, ter esse sentimento de ego. Entre os dois – ou seja, entre o Eu ou pura Consciência e o corpo físico inerte – surge misteriosamente a sensação de ego, ou noção de 'eu', este híbrido que não é nenhum dos dois e que floresce como ser individual. Este ego ou ser individual é a raiz de tudo o que é fútil e desagradável na vida. Por isso ele deve ser destruído por qualquer meio possível; então permanece apenas o brilho d'Aquilo que sempre é. Isso é a Libertação, Iluminação ou Auto-Realização.2

D.: O Bhagavan muitas vezes diz: "o mundo não é exterior a você" ou, "tudo depende de você", ou "o que existe fora de você?" Para mim isso tudo é muito enigmático. O

mundo existia antes de eu nascer e vai continuar a existir depois da minha morte, assim como continuou a existir depois da morte de todas as pessoas que já viveram como eu.

B.: Alguma vez eu disse que o mundo existe por sua causa? Eu apenas lhe coloquei a questão ‘o que existe além de você mesmo?’ Você deve compreender que ‘você mesmo’

não se refere ao corpo físico nem ao corpo sutil, mas ao Eu Real.

O que lhe foi dito é que uma vez que você conheça o Eu Real dentro do qual todas as idéias existem, incluindo a idéia de ‘eu mesmo’, ‘outros como eu’ e ‘mundo’, você pode compreender a verdade de que existe uma Realidade, uma Verdade Suprema que é o Eu Real de todo o mundo que você agora percebe, o Eu de todos os eus, o Real, o Supremo, o 1 T., 651

2 S. I., Cap. I, § 12

15

Eu eterno, distinto do ego ou ser individual, que é impermanente. Você não deve confundir o ego, ou noção de corpo, com o verdadeiro Eu.

D.: Então o Bhagavan quer dizer que o Eu Real é Deus?

Nesta resposta o Bhagavan, como lhe era peculiar, voltou a discussão da teoria à prática. Apesar de o presente capítulo como um todo ser dedicado à teoria, parece apropriado continuar este diálogo para mostrar como a teoria era posta em prática.

B.: Você percebe a dificuldade disso? A auto-inquirição “Quem sou eu?” é uma técnica diferente da meditação “Eu sou Shiva” ou “eu sou Ele”. Eu prefiro enfatizar o auto-conhecimento, porque você primeiro está preocupado consigo mesmo antes de querer saber do mundo ou seu Senhor. A meditação “Eu sou Ele” ou “Eu sou Brahman” é mais ou menos mental, mas a busca pelo Eu de que eu falo é um método direto, e de fato superior a ela. Pois, na medida em que você começa a busca pelo eu e vai se aprofundando, o Eu Real está lá esperando para lhe receber; então, o que quer que seja feito é feito por algo além, e você, como ser individual, não é responsável por isso. Neste processo são automaticamente abandonadas todas as dúvidas e discussões, assim como um homem que dorme esquece todas as suas preocupações por hora.

A discussão que segue mostra como Bhagavan permitia que se discutisse livremente as suas respostas quando o ouvinte não era convencido por elas.

D.: Que certeza existe de que há alguma coisa me esperando lá para me receber?

B.: Quando a pessoa é suficientemente madura ela se convence disso naturalmente.

D.: Como alcançar essa maturidade?

B.: Vários caminhos são ensinados. No entanto, qualquer que seja o desenvolvimento prévio da pessoa, a prática ardente da auto-inquirição o acelera.

D.: Mas isso é uma argumentação circular: eu sou forte o bastante para praticar a auto-inquirição se eu sou maduro, e é a própria prática da auto-inquirição que me torna maduro.

Esta é uma objeção que aparecia freqüentemente de uma forma ou de outra, e a sua resposta mais uma vez enfatiza que o que é necessário é a prática e não a teoria.

B.: A mente tem dificuldade de entender isso. A mente quer uma teoria para se satisfazer. Na verdade, entretanto, o homem que ardentemente busca a Deus ou ao seu Eu verdadeiro não precisa de nenhuma teoria.1

Todos são o Eu Real e são, de fato, infinitos. No entanto, cada um confunde o seu corpo com o Eu Real. Para se conhecer qualquer coisa precisa-se de uma iluminação, e esta só pode ser da natureza da Luz – no entanto, ela ilumina tanto a luz física quanto a escuridão física. Ou seja, esta Luz está além da luz e escuridão aparentes. Ela em si não é nenhuma das duas, mas é chamada de Luz porque ilumina ambas. Ela é infinita e é Consciência. A Consciência é o Eu de que todos estão conscientes. Ninguém nunca está afastado do Eu Real, e portanto todos são de fato Auto-Realizados; o que acontece é que –

e este é o grande mistério – as pessoas não sabem disso e buscam realizar o Eu Real. A 1 S. D. B., viii, ix

16

Realização consiste apenas em se libertar da falsa noção de que não somos realizados. Não é nada novo a ser adquirido. Ela deve já existir, caso contrário ela não seria eterna, e apenas vale a pena se esforçar por aquilo que é eterno.

Uma vez que a falsa visão “eu sou o corpo” ou “eu não sou realizado” for removida apenas a Consciência Suprema ou Eu Real permanece, e é isso o que as pessoas chamam de “Realização” no seu estado atual de conhecimento. Mas a verdade é que a Realização é eterna e já existe aqui e agora.1

A Consciência é conhecimento puro. A mente surge dela e é constituída de pensamentos.2

A essência da mente é apenas atenção ou consciência. Entretanto, quando o ego nubla a mente, esta adota as funções de raciocínio, pensamento e percepção. A mente universal, não sendo limitada pelo ego, não tem nada exterior a si, e portanto ela é apenas consciência. É isso o que a Bíblia quer dizer com “EU SOU O QUE EU SOU”.3

A mente que é dominada pelo ego tem sua força drenada e por isso é muito fraca para resistir a pensamentos perturbadores. A mente sem ego é feliz, como nós percebemos no sono profundo, sem sonhos. Portanto, claramente se percebe que perturbação e felicidade são apenas estados da mente.4

D.: Quando eu procuro o “eu” eu não vejo nada.

B.: Você diz isso porque você está acostumado a identificar o seu eu com o seu corpo e a sua visão com os seus olhos. O que existe para ser visto? E por quem? E como? Existe apenas uma Consciência e esta, quando se identifica com o corpo, projeta a si mesma através dos olhos e vê os objetos a sua volta. O indivíduo está limitado ao estado de vigília; ele espera ver algo diferente e aceita a autoridade dos seus sentidos. Ele não vai aceitar

que aquele que vê, os objetos vistos, e o ato de ver são todos manifestações da mesma Consciência – o “Eu-Eu”. A prática da meditação ajuda a superar a ilusão de que o Eu Real é alguma coisa [objetiva] para ser vista. Na verdade não há nada para ver. Como você se reconhece agora? Você precisa por um espelho na sua frente para reconhecer a si mesmo?

A consciência em si é o “eu”. Realize-a e isto é a verdade.

D.: Quando eu investigo a origem dos pensamentos há a percepção do “eu”, mas isso não me satisfaz.

B.: Exatamente. Isso acontece porque essa percepção de “eu” está associada a uma forma, talvez a forma do corpo físico. Mas nada deveria ser associado ao Eu puro. O Eu Real é a Realidade pura em cuja luz brilha o corpo, o ego, e tudo mais. Quando todos os pensamentos são aquietados sobra apenas a pura Consciência.5

D.: Como o ego surgiu?

Eis aqui uma questão que dá origem a intermináveis conjeturas, mas o Bhagavan, atendo-se rigorosamente à verdade da não-dualidade, recusa-se a admitir sua existência.

1 T., 482

2 T., 589

3 Exodus III, 14

4 T., 188

5 T., 196

B.: Não existe ego. Se existisse, você teria que admitir a co-existência de dois “eus”

em você. Portanto, também não existe ignorância. Se você investigar dentro do Eu, a ignorância, que já é não-existente, vai ser vista como tal, e então você dirá que ela sumiu.1

Às vezes o ouvinte tinha a impressão que a ausência de pensamentos é um mero

"vazio mental", e por isso o Bhagavan tinha o cuidado de alertá-los sobre esse ponto.

A ausência de pensamentos não significa um vazio. Alguém deve estar consciente desse vazio. Conhecimento e ignorância são duais e pertencem apenas à mente – o Eu Real está além de ambos. Ele é pura Luz. Não é necessário que um eu veja o outro. Não existem dois eus. O que não é o Eu é apenas não-Eu, e não pode ver o Eu. O Eu Real não possui visão ou audição, mas está além deles brilhando sozinho como pura Consciência.2

O Bhagavan muitas vezes apontava a existência contínua do homem mesmo durante o sono sem sonhos como uma prova de que ele existe independente do ego e do sentimento de ter um corpo. Ele também se referia ao estado de sono profundo como um estado sem corpo e sem ego.

D.: Eu não sei se o Eu é diferente do ego.

B.: Em que estado você estava quando dormia profundamente?

D.: Eu não sei.

B.: Quem não sabe? O eu do estado de vigília? Mas você não nega que existia durante o sono profundo, certo?

D.: Eu existia no sono profundo e existo agora, mas não sei quem estava em sono profundo.

B.: Exatamente! O homem no estado de vigília diz que ele não sabia de nada no estado de sono profundo. Agora ele vê objetos e sabe que ele existe, mas no sono profundo não havia objetos e nem o observador. No entanto, a mesma pessoa que fala agora existia também no sono profundo.

Qual é a diferença entre esses dois estados? Agora existem os objetos e a atividade dos sentidos, enquanto que no sono profundo não havia. Surgiu uma nova entidade: o ego. O ego age através dos sentidos, percebe objetos, se confunde com o corpo, e afirma ser o Eu. Na realidade, aquilo que era no sono profundo continua a ser agora. O Eu Real é imutável. É o ego que surgiu entre os dois. Aquilo que surge e desaparece é o ego; aquilo que permanece imutável é o Eu Real.3

Tais exemplos às vezes davam a idéia equivocada de que o estado de Realização –

ou permanência no Eu Real – que Bhagavan prescrevia, era um estado de inconsciência como o sono físico, e por isso ele buscava evitar essa idéia.

B.: A vigília, o sonho e o sono são apenas fases da mente. Eles não são o Eu Real. O

Eu Real é a testemunha desses três estados. A sua verdadeira natureza continua existindo enquanto você dorme.

D.: Mas nós somos aconselhados a não pegar no sono enquanto meditamos.

1 T., 363

2 T., 245

3 T., 143

B.: O que você deve evitar é o torpor. O sono que se alterna com o estar desperto não é o verdadeiro sono; o estar desperto que se alterna com o sono não é o verdadeiro estar desperto. Você está desperto agora? Não. O que você precisa fazer é acordar para o seu estado verdadeiro. Você não deveria nem cair no falso sono e nem ficar falsamente acordado.1

B.: Apesar de o Eu Real estar presente no sono também, ele não é percebido neste estado. Ele não pode ser conhecido no sono imediatamente. Deve-se primeiro realizá-lo no estado de vigília, pois ele é a nossa verdadeira

natureza por trás dos três estados. O esforço deve ser feito no estado de vigília e o Eu Real deve ser realizado aqui e agora. Então ele será percebido como o Eu contínuo e intocado pela alternância vigília-sonho-sono.2

Com efeito, um dos nomes do verdadeiro estado de um ser realizado é o 'Quarto Estado', que existe eternamente e está além dos três estados de vigília, sonho e sono. Ele é comparado ao estado de sono profundo pois, como este, é sem forma e não dual; no entanto, como mostra a citação acima, está longe de ser o mesmo. No Quarto Estado o ego é absorvido pela Consciência, enquanto que no sono ele fica imerso na inconsciência.

MORTE E RE-NASCIMENTO

Em nenhum outro ponto o Bhagavan mostrou mais claramente que a teoria deve ser adaptada ao nível da compreensão do buscador do que quando ele respondia perguntas sobre a morte e renascimento. Para aqueles que eram capazes de compreender a teoria não-dualista em sua forma pura ele apenas explicava que esta pergunta não surge, pois como o ego não tem uma existência real agora, também não o terá após a morte.

D.: As ações de uma pessoa nesta vida afetam os seus nascimentos futuros?

B.: Você nasceu? Por que você se preocupa com nascimentos futuros? A verdade é que não existe nascimento e nem morte. Que aquele que nasceu pense sobre a morte e outros consolos para ela.3

D.: A doutrina Hindu da reencarnação é correta?

B.: Não é possível dar uma resposta definitiva. No Bhagavad Gita, por exemplo, até a presente encarnação é negada.

D.: A nossa personalidade não é sem começo?

B.: Primeiro descubra se ela existe e depois faça a pergunta. Nammalwar diz: "Por ignorância tomei o ego pelo Eu Real, mas com o conhecimento correto [percebemos que] o ego não existe e você permanece como Eu Real." Tanto os dualistas quanto os não-dualistas concordam que a Auto-Realização é necessária. Primeiro atinja-a e depois faça outras perguntas.

Dualismo ou não-dualismo – isso não pode ser resolvido por meio de teorias apenas. Se o Eu Real for realizado, esta pergunta não surgirá.4

Tudo o que nasce deve morrer; tudo o que é adquirido será perdido. Você nasceu?

[Não,] você existe eternamente. O Eu Real nunca pode ser perdido.5

1 T., 495

2 T., 307

3 T., 17

4 T., 491

5 T., 20

O Bhagavan, de fato, desencorajava a preocupação com esses temas metafísicos, já que eles apenas distraem a pessoa do esforço de realizar o Eu Real aqui e agora.

D.: Dizem que depois da morte temos a escolha de desfrutar dos nossos méritos ou dos nossos deméritos, que depende apenas de nossa escolha. Isto é assim mesmo?

B.: Para que perguntar sobre o que acontece após a morte? Para que perguntar se você nasceu ou não, se você colhe os frutos de seu karma passado ou não? Você não terá essas perguntas daqui a pouco quando estiver dormindo. Por quê? Por acaso você agora é uma pessoa diferente do que era enquanto dormia? Não, você não é. Descubra porque essas perguntas não surgem quando você está dormindo.1

Ocasionalmente, entretanto, o Bhagavan aceitava um ponto de vista menos elevado para aqueles que não podiam ater-se à teoria não-dualista pura.

No Bhagavad Gita Sri Krishna primeiro diz a Arjuna, no Capítulo II, que ninguém nunca nasceu e depois, no Capítulo IV, que “você e eu já passamos por inúmeras encarnações. Eu as conheço mas você não.” Qual dessas declarações é verdadeira? O

ensinamento varia de acordo com a compreensão do ouvinte.2

Quando Arjuna disse que não iria lutar contra e matar seus parentes e professores para conquistar o reinado, Sri Krishna disse: “Não é que estes, você ou eu, não éramos antes, não somos agora, nem seremos depois. Ninguém nasceu, ninguém morre e não será assim daqui para a frente.” Ele posteriormente desenvolveu este tema, dizendo que ele havia dado instruções ao Sol e, através dele, a Ikshvaku; e Arjuna indagou como isso seria possível já que Krishna havia nascido apenas há alguns anos atrás e eles tinham vivido em eras passadas. Então Krishna entendeu seu ponto de vista e disse: “Sim, você e eu já passamos por inúmeras encarnações. Eu as conheço mas você não.”

Essas declarações parecem contraditórias, mas cada uma é verdadeira de acordo com o ponto de vista do ouvinte. Cristo também disse “Antes de Abraão ser, eu sou.”3

Assim como nos sonhos você acorda depois de várias experiências novas, também depois da morte um novo corpo é encontrado.4

Assim como os rios perdem a sua individualidade quando deságuam no oceano – e mesmo assim as águas evaporam e descem como chuva de volta para o rio e depois para o oceano -, os indivíduos também perdem a sua individualidade quando vão dormir mas retornam novamente de acordo com as suas tendências inatas prévias. Similarmente, na morte o ser também não é perdido.

D.: Como isso?

B.: Veja como uma árvore cresce novamente depois de seus galhos serem cortados.

Enquanto a fonte da vida não é destruída, ela continua crescendo. Da mesma forma, no momento da morte as tendências latentes retornam ao coração, mas não são destruídas. É

assim que os seres renascem.5

1 T., 242

2 T., 436

3 T., 145

4 T., 144

5 T., 108

No entanto, de um ponto de vista mais elevado ele responderia: Em verdade não existe nem semente nem árvore – existe apenas Ser.1

Ocasionalmente ele explicava o processo mais detalhadamente, mas sempre com a ressalva de que na verdade só existe o Eu imutável.

D.: Quanto tempo dura o intervalo entre a morte e o renascimento?

B.: Pode ser longo ou curto, mas o Homem Realizado não passa por isso; ele é absorvido diretamente pelo Ser Infinito, segundo a descrição do Brihad Aranyaka Upanishad. Alguns dizem que, após a morte, aqueles que tomam o caminho da luz não mais renascem, enquanto que aqueles que tomam o caminho da escuridão renascem depois de ter colhido os frutos do seu karma (destino auto-produzido) em seus corpos sutis.

Se os méritos e deméritos de um homem são iguais ele renasce imediatamente na Terra; se os seus méritos superam seus deméritos ele primeiro vai ao céu em seu corpo sutil, já se seus deméritos superam seus méritos ele vai primeiro ao inferno. Mas em ambos os casos ele renasce posteriormente na Terra. Tudo isso é descrito nas escrituras, mas na verdade

não existe nem nascimento nem morte; cada um simplesmente permanece como realmente é. Apenas isso é a Verdade.2

Também ele explica em termos de misericórdia Divina.

B.: Deus em sua misericórdia não revela este conhecimento às pessoas. Caso estas soubessem que haviam sido virtuosas no passado ficariam orgulhosas, ou então ficariam desanimadas por seus deméritos. Ambos são ruins. Basta conhecer o Eu Real.3

Às vezes, todavia, ele falava da maturidade de uma pessoa como sendo resultado dos seus feitos em vidas passadas.

Uma pessoa competente, que talvez já tenha se qualificado em encarnações passadas, compreende a verdade e fica em paz após ouvi-la apenas uma vez, enquanto outras que não são tão qualificadas têm que passar por vários estágios antes de alcançar o samadhi (consciência pura e direta do Ser).4

Isso quer dizer que uma encarnação pode ser encarada como um dia de peregrinação rumo à Auto-Realização. Quão perto ou longe se está do objetivo final depende do esforço feito em dias passados; quanto vai se avançar depende do esforço feito hoje.

Um cientista palestrante de uma Universidade perguntou se o intelecto sobrevive à morte. Ramana Maharshi respondeu: “Por que pensar sobre a morte? Reflita sobre o que acontece no seu sono. Qual é a sua experiência dele?”

D.: O sono é transitório mas a morte não.

1 T., 439

2 T., 573

3 T., 553

4 T., 21

B.: O sono é o estado intermediário entre dois estados de vigília, da mesma maneira que a morte é o estado intermediário entre dois nascimentos. Ambos são impermanentes.

D.: O que eu quero saber é se quando o espírito é descorporificado ele leva consigo o intelecto ou não.

B.: O espírito não é descorporificado, apenas toma um corpo diferente. Se ele não estiver no corpo grosseiro estará em um corpo sutil, como no sono e no sonho acordado.1

O Bhagavan nunca aceitou que as diferentes formas de se expressar ou de formular as doutrinas entre as religiões representassem contradições substanciais, já que a Verdade para a qual elas apontam é Uma e Imutável.

D.: É correta a visão Budista de que não existe uma entidade contínua que funcione como uma alma individual? Ela está de acordo com a doutrina Hindu de um ego que reencarna? A alma é uma entidade contínua que reencarna inúmeras vezes, como prega a doutrina Hindu, ou é um mero conglomerado de tendências mentais, como ensina a Budista?

B.: O Eu Real é contínuo e não é afetado por nada. O ego que reencarna pertence ao plano inferior, o do pensamento. Ele é transcendido pela Auto-Realização.

As reencarnações acontecem devido a um falso desdobramento do Ser, e são por isso negadas pelos Budistas. O estado humano é o resultado de uma junção do insensível e do sensível.2

Às vezes a questão não era a reencarnação em si, mas sim a dor da perda de um ente querido. Uma senhora que veio do norte da Índia perguntou ao Bhagavan se era possível conhecer o estado póstumo de um indivíduo.

B.: Sim, é possível, mas para que tentar? Esses fatos são tão irreais quanto a pessoa que os vê.

S.: O nascimento de uma pessoa e sua vida e morte são reais para nós.

B.: Sim, como você erroneamente se identifica com o corpo você pensa o outro como sendo um corpo também. Mas nem você nem ele são um corpo.

S.: Mas a partir de meu próprio nível de entendimento eu vejo a mim mesma e ao meu filho como reais.

B.: O nascimento do pensamento “eu” é o nascimento da pessoa, e a sua morte é a morte da pessoa. Depois de surgir o pensamento “eu”, a errônea identificação com o corpo também surge. Se você se identifica com o corpo você erroneamente identifica os outros com seus corpos também. Assim como você pensa que o seu corpo nasceu, cresceu e vai morrer, você também pensa que o corpo do outro nasceu, cresceu e morreu. Você pensava sobre o seu filho antes dele nascer? O pensamento veio depois dele nascer, e continua após sua morte. Ele só é o seu filho na medida em que você pensa nele. Para onde ele foi? Para a fonte de onde ele surgiu. Enquanto você continuar existindo ele continua também. Mas se você deixar de se identificar com o corpo e realizar o Eu Real essa confusão desaparecerá.

Você é eterna, e verá que os outros também o são. Enquanto isso não for realizado haverá 1 T., 206

2 T., 136

sempre a tristeza e o desgosto, fruto dos falsos valores que são produzidos pelo conhecimento errôneo e pela identificação errônea.1

Na ocasião da morte do Rei George V dois devotos estavam discutindo o assunto no salão, e pareciam chateados. O Bhagavan disse: “O que importa para vocês quem morre ou o que é perdido? Morram vocês mesmos e se percam, tornando-se assim, com a extinção do ego, um com o Eu de todas as coisas.”2

E, finalmente, sobre a importância da morte. As religiões em geral dão importância ao estado mental em que a pessoa morre, e a seus últimos pensamentos antes da morte. Mas o Bhagavan alertava as pessoas que é

preciso estar bem preparado antes, caso contrário tendências mentais indesejáveis podem surgir de maneira incontrolável.

D.: Se eu não puder me iluminar nesta vida, que eu possa pelo menos não esquecer da iluminação no meu leito de morte. Que eu possa ter um vislumbre da Realidade no meu último momento de vida, a fim de ter um bom estado no futuro!

B.: No Capítulo VIII do Bhagavad Gita é dito que o último pensamento de uma pessoa no momento da morte determina o seu próximo nascimento. Mas é necessário experimentar a Realidade agora, nesta vida, a fim de poder experimentá-la no momento da morte. Reflita se este momento é de qualquer maneira diferente do último momento na morte, e tente estar no estado desejado.3

CORAÇÃO E MENTE

Aqui parece ser o local adequado para expor o ensinamento do Maharshi sobre a mente e o coração. Ele ensinou que o Coração, e não a mente, é o verdadeiro centro da Consciência. Mas por “Coração” ele não quis dizer o órgão físico no lado esquerdo do peito, mas o coração espiritual no lado direito, e por “Consciência” ele não quis dizer pensamento, mas sim a pura Consciência ou o sentimento de ser. Ele descobriu por experiência própria ser este o centro da consciência espiritual, e, posteriormente, viu sua experiência confirmada em algumas escrituras antigas. Quando Bhagavan instruía seus devotos a se concentrarem no Coração era para este coração espiritual, no lado direito do peito, que ele estava apontando. Os seus devotos experimentavam-no como um centro real, quase físico, de vibração da Consciência. Contudo, ele também falava do Coração como equivalente do Eu Real, e lembrava-os de que na verdade ele não está em absoluto situado no corpo, mas que transcende o espaço.

D.: Por que você diz que o coração no lado direito do peito se os médicos sabem que ele é na esquerda? Que autoridade você tem?

B.: Ninguém nega que o coração físico está no lado esquerdo do peito, mas o Coração do qual eu falo fica no lado direito. Esta é a minha experiência e eu não exijo nenhuma autoridade para ela; mesmo assim você pode

encontrar uma confirmação dela em um livro Malayali sobre Ayurveda e também no Sita Upanishad.4

1 T., 276

2 T., 236

3 T., 621

4 T., 4

Dizendo isto o Bhagavan mostrou a citação do Sita Upanishad e citou de memória a do livro sobre Ayurveda. Às vezes, quando perguntado, ele também mencionava o texto do Eclesiastes: “O coração do sábio fica na mão direita e o do tolo na mão esquerda”.1

D.: Por que nós temos um lugar como o coração para nos concentrar durante a meditação?

B.: Porque você busca a Consciência verdadeira. Onde você pode encontrá-la? Você pode alcançá-la fora de você mesmo? Você deve encontrá-la interiormente, e por isso você é direcionado para o interior. O Coração é o centro da Consciência ou a Consciência em si.2

Eu lhe peço para observar onde o “eu” surge no seu corpo, mas não é muito certo dizer que o “eu” surge e retorna ao lado direito do peito. “Coração” é outro nome para a Realidade, e esta não está nem dentro e nem fora de seu corpo. Como apenas Ela é, não existe “dentro” e “fora” para Ela. Por “coração” eu não quero dizer nenhum órgão fisiológico ou plexo ou nervos ou qualquer coisa do gênero; porém, enquanto o homem se identifica com o corpo ou pensa que é o corpo ele é aconselhado a observar aonde no corpo o pensamento “eu” surge e desaparece. Só pode ser no lado direito do peito pois qualquer homem, de qualquer raça ou religião, não importando a língua que fale, aponta para o lado direito do peito para referir-se a si mesmo quando ele diz “eu”. Isso é assim em qualquer parte do mundo, então esse deve ser o local. E, observando intensamente o surgimento do

pensamento “eu” quando se acorda, e o seu retorno no momento de se pegar no sono, pode-se ver que isso acontece no coração no lado direito do peito.3

Quando uma sala está escura você precisa de uma lâmpada para iluminá-la, mas quando o sol nasce você pode ver os objetos claramente sem fazer uso dela. E para ver o sol nenhuma lâmpada é necessária pois ele é auto-luminoso. O mesmo se dá com a mente: para ver os objetos é necessária a luz refletida da mente, mas para ver o Coração basta voltar a mente para ele. Então a mente se perde e só o Coração brilha.4

É uma prática tântrica concentrar-se em um dos chakras ou centros espirituais do corpo, em geral sobre o ponto entre as sobrancelhas. Como será mostrado em um capítulo mais adiante, o coração no lado direito do peito não é um destes chakras; no entanto, na passagem que segue Bhagavan explica brevemente que a concentração sobre o centro do coração é mais eficaz do que a concentração sobre qualquer chakra, mas menos eficaz do que a auto-inquirição pura.

D.: Dizem que existem seis órgãos sutis de cores diferentes situados no peito, dos quais o coração espiritual é o que reside no lado direito do peito, dois dedos do centro. Mas também dizem que o coração é sem forma. Isso significa que nós deveríamos imaginar que ele tem uma forma e meditar sobre ele?

1 Eclesiastes X, 2

2 T., 205

3 D. D., 234

4 T., 99

B.: Não; apenas a busca “Quem sou eu?” é necessária. Aquilo que continua a existir no estado de sono e de vigília é o mesmo em ambos; mas no estado de vigília existe a experiência da infelicidade e, portanto, o esforço para removê-la. Quando lhe perguntam quem acorda do sono você diz “eu”.

Segure firme este “eu”. Se isso for feito o Ser Eterno revelará a Si mesmo. A coisa mais importante é a investigação do “eu”, e não a concentração no coração. Não existe “interior” e “exterior” – ambas as palavras significam a mesma coisa ou nada em absoluto. Entretanto, também existe a prática da concentração no centro-coração, que é uma forma de exercício espiritual. Apenas quem se concentra no centro-coração pode permanecer consciente quando a mente cessa sua atividade e fica imóvel, sem pensamentos. Aqueles que se concentram em qualquer outro centro não conseguem manter a consciência vazia de pensamentos, mas apenas deduzir que a mente estava imóvel depois de ela ter voltado à atividade.1

Na passagem que segue uma senhora inglesa comenta sobre essa consciência livre de pensamentos, e o Bhagavan aprova.

D.: Os pensamentos repentinamente cessam e o “eu-eu” surge igualmente de forma repentina e permanece. Isso está correto?

B.: Sim, é bem assim. Os pensamentos devem cessar e a razão desaparecer antes do

“eu-eu” surgir e ser sentido. O sentimento é o principal, e não a razão.

D.: Além disso, isso é sentido no lado direito do peito, e não na cabeça.

B.: É aí que deve ser sentido, pois o coração fica aí.

D.: Mas quando eu olho para fora ele desaparece. O que eu devo fazer?

B.: Segure-o firmemente.2

Isso não significa que o pensamento é impossível durante o estado de consciência

“Eu-Eu”, como é prova o próprio Bhagavan, que vivia constantemente neste estado. Para o ignorante o pensamento é como uma nuvem densa bloqueando-lhe a luz do sol. Quando o topo da nuvem se abre, deixando assim a luz passar, nós podemos usar o pensamento sem ser iludido por ele. Para usar outra metáfora, o Bhagavan às vezes comparava a mente de um

Homem Realizado à lua no céu durante o dia – ela está lá, mas a sua luz é desnecessária, pois pode-se enxergar sem ela graças à luz direta do sol.

SOFRIMENTO

Perguntavam muito para Bhagavan sobre o sofrimento. As perguntas eram normalmente mais pessoais do que universais, já que em geral era a experiência da dor que levava as pessoas a buscar consolo nele. O verdadeiro consolo vinha através de sua influência silenciosa, mas mesmo assim ele também respondia perguntas teóricas. A resposta habitual era propor ao buscador que ele descobrisse quem é que sofre, assim como ele convidava àqueles assolados por dúvidas a descobrirem quem é que duvida, pois o Eu Real está além do sofrimento e além da dúvida (logo eles descobririam que quem sofre e duvida é apenas o ego). Ocasionalmente, porém, em um nível mais contingente, ele apontava que o que quer que faça a pessoa se sentir insatisfeita com a sua vida de 1 T., 131

2 T., 24

25

ignorância e a faça buscar o Eu Real é benéfico, e que em geral isso acontece através do sofrimento.

B.: A Bem-Aventurança do Eu Real sempre foi sua, e você a encontrará se buscá-la seriamente. A causa da sua infelicidade não está nas circunstâncias exteriores; ela está em você, é o ego. Você impõe limitações a si mesmo e depois luta em vão para transcendê-las.

Toda infelicidade e miséria vem do ego. Ele é a origem de todos os seus problemas. Qual é a utilidade de atribuir a causa da infelicidade aos acontecimentos da vida quando a causa está realmente dentro de você? Que felicidade você pode obter das coisas exteriores a você mesmo? Quando você a obtém, quanto tempo ela dura?

Se você negar o ego e ignorá-lo, você estará livre. Se você o aceitar, ele irá lhe impor limitações e levá-lo a lutar em vão para superá-las. Foi assim que o “ladrão” arruinou o Rei Janaka.

Ser o Eu que você realmente é, é o único meio de realizar a Bem-Aventurança que é sempre sua.1

Um devoto muito próximo e humilde tinha perdido seu filho único de três anos de idade. No dia seguinte ele chegou ao Asramam com sua família. Bhagavan lhes disse: “O

treinamento da mente ajuda a pessoa a suportar as dores e privações com coragem; mas a perda do próprio filho é a maior das dores. A tristeza só existe enquanto a pessoa pensa que possui uma forma definida, mas se a forma é transcendida a pessoa conhece o Eu Único como eterno. Não existe nascimento nem morte. Apenas o corpo nasce, e o corpo é uma criação do ego. No entanto, o ego não é comumente percebido sem o corpo, e por isso você o identifica com o corpo. O que importa é o pensamento. Que o homem sensato reflita sobre se ele percebia seu corpo durante o sono profundo ou não. Por que, então, ele o percebe no estado de vigília? Apesar de o corpo não ser percebido durante o sono, podemos nós dizer que o Eu Real não existia lá? Qual era o seu estado durante o sono profundo e qual é o seu estado agora quando desperto? Qual é a diferença? O despertar é quando o ego surge. Simultaneamente os pensamentos aparecem. Descubra quem tem os pensamentos. De onde eles vieram? Eles devem surgir do eu consciente. Perceber isso, mesmo que vagamente, ajuda a enfraquecer o ego. Então a realização da Existência Única Infinita se torna possível. Com essa realização não existem mais indivíduos mas apenas o Ser Eterno. Daí não existem mais pensamentos de morte nem tristeza.

Se um homem pensa que ele nasceu ele inevitavelmente sentirá medo da morte. Deixe que ele descubra se ele alguma vez nasceu ou se existe nascimento para o Eu Real. Ele assim descobrirá que o Eu Real existe sempre e que o corpo, que é o que nasce, transforma-se em pensamento, e que o surgimento do pensamento é a raiz de todo o mal.

Descubra de onde vêm os pensamentos, e então você permanecerá no mais íntimo e onipresente Eu, livre do conceito de nascimento e do medo da morte.2

D.: Se alguém que nós amamos morre isso nos faz sofrer. Nós deveríamos, então, para evitar este sofrimento, amar a todos igualmente ou não amar

ninguém em absoluto?

1 M. G., pp. 38-9

2 T., 80

B.: Se alguém que amamos morre isso causa sofrimento àquele que continua vivo. A maneira de se livrar do sofrimento é não continuar vivendo. Mate o sofredor – assim quem está lá para sofrer? O ego deve morrer, é o único jeito. As duas alternativas que você sugere dão no mesmo. Quando percebemos que todos são apenas o Eu Único, quem está lá para amar ou odiar?1

No entanto, às vezes as perguntas eram impessoais, referindo-se não a uma tragédia pessoal mas ao mal e sofrimento universal do mundo. Nesses casos as perguntas eram em geral feitas por visitantes que não compreendiam a doutrina da não-dualidade ou não seguiam o caminho da auto-inquirição.

Visitante: Problemas globais como a fome e a pestilência devastam o mundo. Qual é a causa disso?

B.: Para quem tudo isso aparece?

V.: Isso não vai adiantar. Eu vejo miséria por toda parte.

B.: Você não está consciente do mundo e seus sofrimentos enquanto dorme, mas está agora quando acordado. Continue no estado no qual essas coisas não o afetavam. Quando você não está consciente do mundo, isto é, quando você permanece como o Eu Real no estado de sono profundo, os seus sofrimentos não o afetam. Portanto, volte-se para o interior e busque o Eu Real – com isso haverá um fim para o mundo e suas misérias.

V.: Mas isso é egoísmo!

B.: O mundo não existe fora de você. Como você se identifica erroneamente com o corpo você vê o mundo como exterior a si mesmo, e

então os seus sofrimentos aparecem; mas o mundo e seus sofrimentos não são reais. Busque a realidade e livre-se desse sentimento irreal.

No entanto, esse visitante não está inclinado a tomar essa busca, então ele apenas falou novamente sobre o sofrimento e sobre aqueles que lutam inutilmente para removê-lo.

V.: Existem grandes homens e servidores públicos que não conseguem resolver o problema do sofrimento no mundo, embora trabalhem nesse sentido.

B.: Isso é porque estes estão baseados no ego. Se eles permanecessem como o Eu Real isso seria diferente.

Ainda assim, presumindo a realidade do mundo, o visitante pergunta agora de maneira indireta como isso poderia ser diferente, exigindo daqueles que vivem no Eu a aceitação do irreal como real.

V.: Por que os Mahatmas não ajudam?

Por enquanto Bhagavan vai responder no nível de entendimento do visitante.

B.: Como você sabe que eles não ajudam? O silêncio dos Mahatmas é muito mais importante do que fazer discursos, promover atividades exteriores e dar ajuda material.

Eles ajudam mais do que os outros.

1 T., 252

27

Agora o visitante chega ao ponto prático: atividade exterior no lugar da busca interior.

Mas Bhagavan também rejeita este ponto de vista categoricamente.

V.: Como nós podemos melhorar a condição do mundo?

B.: Se você estiver livre do sofrimento não haverá sofrimento em parte alguma. O

problema agora é que você vê o mundo como exterior a você mesmo e pensa que há sofrimento nele. Mas tanto o mundo quanto o sofrimento estão dentro de você. Se você se voltar ao interior não haverá mais sofrimento.

V.: Deus é perfeito. Por que então Ele criou o mundo imperfeito? Uma obra compartilha da natureza do seu autor, mas nesse caso isso não parece ser assim.

B.: Por acaso você está separado de Deus para ter que fazer esta pergunta? Enquanto você se considera o corpo você vê o mundo como exterior a você. É para você que essa imperfeição aparece. Deus é perfeição e sua obra também é perfeição, mas você a vê como imperfeita devido à sua identificação errônea com o corpo ou ego.

V.: Então por que o Eu Real se manifestou na forma desse mundo miserável?

B.: Para que assim você possa buscá-lo. Os seus olhos não podem ver a si mesmos, mas se você segurar um espelho na sua frente eles poderão se ver. A criação é o espelho.

Primeiro veja a si mesmo e depois veja o mundo como manifestação do Eu Real.

V.: Então a conclusão é que eu devo sempre olhar para dentro de mim mesmo?

B.: Sim.

V.: Então eu não deveria nem olhar para o mundo?

B.: Você não é orientado a fechar os olhos para o mundo, mas apenas para ver a si mesmo primeiro e depois ao mundo todo como o Eu Real. Se você se considera um corpo o mundo parece ser exterior, mas se você vive como o Eu Real o mundo aparece como Brahman manifesto.1

O problema é que é muito difícil enxergar o corpo e o mundo objetivo como irreais. O

Bhagavan admitiu isso no seguinte diálogo.

D.: Estou com dor de dente – isso é apenas um pensamento?

B.: Sim.

D.: Então por que eu não consigo simplesmente pensar que meu dente está normal e assim me curar?

B.: Não se sente a dor de dente quando se está absorto em outros pensamentos ou quando se está dormindo.

D.: Mas ela ainda sim continua.

B.: A convicção humana de que o mundo é real é tão forte que é difícil se libertar dela. Mas o mundo não é mais real do que o sujeito que o vê.

Segue-se agora um diálogo engraçado que ilustra a dificuldade de se compreender isso.

D.: No momento está acontecendo a guerra Sino-Japonesa. Se ela é apenas imaginação, pode o Bhagavan imaginar que ela não está acontecendo e assim acabar com ela?

1 T., 272

B.: (Rindo) O Bhagavan que você vê (como um ser exterior) é tanto um pensamento seu quanto a própria guerra Sino-Japonesa.1

Finalmente uma citação que mostra como Bhagavan às vezes respondia de maneira mais casual, apontando que é o sofrimento que torna o homem descontente com a vida do ego e assim o incita a buscar a Auto-Realização.

D.: Mas por que existe o sofrimento agora?

B.: Se não existisse sofrimento como iria surgir o desejo pela felicidade? E se esse desejo não surgisse como poderia surgir a busca pelo Eu Real?

D.: Então todo o sofrimento é bom?

B.: Sim. O que é a felicidade? Por acaso é possuir boa saúde, beleza e ter refeições regulares? Mesmo um Imperador tem inúmeros sofrimentos, ainda que ele tenha tudo isso.

Todo sofrimento é devido à falsa noção “eu sou o corpo”. Libertar-se dessa falsa noção é chamado de Conhecimento (Jnana).2

PECADO

O pecado ou o mal de qualquer tipo são o resultado de um egoísmo que não é controlado pela reflexão sobre os efeitos danosos que tais atos produzem nos outros e em nós mesmos. As religiões buscam se proteger deles através de códigos morais e disciplinares, que têm por objetivo manter o ego dentro de certos limites e impedi-lo de ir para locais indesejados. No entanto, um caminho espiritual que é tão radical e tão direto a ponto de negar a própria existência do ego não precisa se preocupar especificamente com os vários excessos deste. O ego como um todo deve ser renunciado. Portanto, a não-dualidade ataca o ego em si, e não as suas manifestações específicas.

Por mais pecadora que uma pessoa possa ser, se ela parar de se lamentar: “Ai de mim que sou um pecador! Como posso eu alcançar a libertação?” e, abandonando até mesmo o pensamento de que é pecadora, se dedicar zelosamente à auto-inquirição, ela com certeza se realizará o Eu (Atman).3

Similarmente, para uma disciplina que tem por objetivo a completa transcendência do pensamento em favor da realização de um Eu supra-racional, a censura específica aos pensamentos negativos é desnecessária. Qualquer pensamento é uma distração. Uma senhora da Europa perguntou se não era útil na busca da Realização cultivar pensamentos positivos, pelo menos nos primeiros passos da caminhada, e Bhagavan respondeu-lhe: Sim, eles são úteis na medida em que ajudam a manter longe os pensamentos negativos, mas eles próprios devem desaparecer antes da Realização.4

Como a qualidade da pureza (sattva) é a verdadeira natureza da mente, a mente clara como um céu sem nuvens é a característica da expansão da consciência. Sendo movida pela qualidade da atividade (rajas) a mente se torna inquieta e, influenciada pela qualidade 1 T., 451

2 T., 633

3 W., § 14

4 T., 341

de obscuridade (tamas) ela se manifesta como o mundo físico. Quando a mente fica assim, por um lado inquieta e por outro surgindo como matéria sólida, o Real não é discernido.

Assim como não se pode tecer fios de uma seda fina usando uma máquina de costura de ferro pesada, nem se pode perceber a sutil manipulação de sombras e cores em uma pintura iluminada com uma luz fraca, também a Realização da Verdade é impossível para a mente que tornou-se grosseira pela obscuridade (tamas) e inquieta pela atividade (rajas).

Isso porque a verdade é muito sutil e serena. A mente só se livra das suas impurezas cumprindo sem desejos seus deveres por muitas vidas, encontrando um bom Mestre, aprendendo com ele, e praticando sem cessar a meditação no Supremo. Então a transformação da mente no mundo da matéria inerte devido à obscuridade (tamas), e a sua inquietude devido à atividade (rajas) cessarão. Com isso a mente retorna à sua serenidade e sutileza naturais. A Bem-Aventurança do Eu Real só pode se manifestar numa mente que se torna sutil e estável por meio da meditação. Aquele que experimenta essa Bem-Aventurança alcança a libertação ainda neste corpo.1

Por óbvio, ele insistia na necessidade da pureza mental. Quando alguém reclamava que era muito fraco para resistir às tendências inferiores, Bhagavan simplesmente lhe dizia para se esforçar mais. Porém, dependendo do temperamento do buscador ele dizia para este descobrir quem tem tendências inferiores, ou simplesmente para confiar em Deus.

D.: Eu sou um pecador e não desempenho nenhum dever religioso. Eu terei um renascimento doloroso por causa disto?

B.: Por que você diz que é um pecador? A fé em Deus é suficiente para salvá-lo do renascimento. Jogue todo o seu fardo sobre Ele. No Tiruvachakam diz: “Apesar de eu ser pior que um cachorro Você se encarrega de cuidar de mim. A ilusão do nascimento e morte é mantida por Vós. Cabe a mim parar e julgar? Por acaso eu sou o Senhor? Oh todo poderoso Deus, cabe a vós fazer-me passar por vários corpos ou manter-me fixo em Vossos pés”. Então confie em Deus e ele lhe salvará.2

D.: Existe mais prazer na meditação do que na satisfação dos sentidos, mas mesmo assim a mente busca esta e não aquela. Por quê?

B.: Prazer e dor são apenas aspectos da mente. A nossa natureza essencial é felicidade, mas nós esquecemos o Eu Real e imaginamos que o corpo ou a mente são este Eu. É essa identificação errônea que dá origem ao sofrimento. O que fazer? Esta tendência está profundamente arraigada e cresceu forte por ter sido alimentada durante muitos nascimentos. Ela deverá desaparecer antes da natureza essencial, que é Felicidade, poder ser realizada.3

E, acima de tudo, não criar novas vasanas ou tendências latentes.

D.: Swami, como pode o domínio do ego ser enfraquecido?

B.: Evitando acrescentar novas vasanas (tendências mentais) a ele.4

1 S. E., § 11

2 T., 30

3 T., 540

4 T., 173

Se a realidade objetiva do mundo é uma ilusão, então o mal que existe nela também o é, e o remédio é voltar a mente para o interior, para a Realidade do Eu. Um americano, o secretário do Swami Yogananda, perguntou por que há o bem e o mal no mundo.

Bhagavan respondeu:

Eles são termos relativos. Deve existir um sujeito para que o bem e o mal sejam conhecidos. Esse sujeito é o ego, que termina no Eu Real. Ou, se preferir, você pode dizer que a fonte do ego é Deus. Essa definição talvez seja mais compreensível para você.1

DEUS

Superficialmente pode parecer que as declarações de Ramana Maharshi sobre Deus eram inconsistentes, já que em alguns momentos ele aconselhava a fé e a completa submissão a Deus, e em outros dizia que Deus era irreal. Mas na verdade não há contradição. Deve sempre ser lembrado que o objetivo dos seus ensinamentos não era estabelecer uma filosofia mas sim dar aconselhamento prático àqueles que trilham o caminho espiritual. Aqueles que compreendiam o conceito do Eu não-dual podiam ver que este era seu verdadeiro Eu, o Eu de Deus e o Eu do mundo também, enquanto que aqueles que se apegavam à aparente realidade do seu ego só conseguiam entender o Eu Real como sendo o Deus que os criou. Ele explicava de acordo com as necessidades de quem perguntava. Neste ponto, assim como em tantos outros, ele apontava a inutilidade de toda discussão. Seguir qualquer um desses dois caminhos era bom; teorizar sobre eles não.

Todas as religiões pressupõem três elementos fundamentais: o mundo, a alma, e Deus; mas é apenas a Realidade Una que se manifesta como esses três. Só se pode dizer: “Os três são realmente três” enquanto existir o ego. Portanto, permanecer dentro do seu próprio Ser, após o ego morrer, é o estado perfeito.

“O mundo é real”, “Não, ele é apenas uma aparição ilusória”, “O mundo é consciente”, “Não é”, “O mundo é felicidade”, “Não é”, - qual é a utilidade dessas discussões? O estado em que, tendo abandonado o ponto de vista

objetivo, a pessoa conhece o seu Eu e assim transcende todas as noções de unidade ou dualidade, de si-mesmo e do ego, é amado por todos.

Se a pessoa tem forma, o mundo e Deus também parecerão ter forma, mas se a pessoa é sem forma, quem está lá para ver essas formas, e como? A natureza dos objetos vistos pode ser diferente da do olho que os vê? O Eu Real é o verdadeiro Olho, e este Olho é Consciência infinita.2

Brahman não pode ser visto ou conhecido. Ele está além da relação tríplice do observador-visão-objeto visto ou conhecedor-conhecimento-objeto conhecido. Essa Realidade permanece sempre como é. O mundo ou a ignorância só existe devido à nossa ilusão. Na verdade nem o conhecimento nem a ignorância são reais – a Realidade é o que está além deles, além de todos os pares de opostos. Ela não é nem luz nem escuridão, mas transcende ambas, embora às vezes nós falemos dessa Realidade como sendo Luz e a ignorância como sendo sua sombra.3

1 T., 106

2 F. V., 2-4

3 D. D., p. 250

Quando havia uma busca genuína por compreensão o Bhagavan dava explicações mais detalhadas, sempre levando o buscador de volta à doutrina do Eu Uno.

O Sr. Thompson, um jovem muito quieto que estava vivendo há alguns anos na Índia e estudando intensamente a filosofia Hindu perguntou: “No Srimad Bhagavad Gita diz:

‘Eu sou o sustentáculo de Brahman’. Em uma outra parte diz: ‘Eu sou no Coração de cada um’. Assim são revelados os diferentes aspectos do Princípio último. Eu entendo que há três aspectos: (1) o transcendental, (2) o imanente, (3) o cósmico. A Realização acontece em algum desses três em particular ou nos três ao mesmo tempo? Indo do cósmico ao transcendental

o Vedanta descarta todos os nomes e formas como sendo maya. Mas o Vedanta também diz que o todo é Brahman, e ilustra com a metáfora de que todos os ornamentos de ouro nada mais são do que ouro. Como nós devemos compreender a verdade?”

B.: O Gita diz: Brahmano hi prastishtaham. Se este aham (ego) é conhecido tudo é conhecido.

D.: Este é apenas o aspecto imanente.

B.: Agora você se acredita um indivíduo.[Acredita que] fora de você há o universo e que além do universo está Deus. Então há a idéia de separatividade. Esta idéia deve desaparecer, pois Deus não é separado de você nem do cosmos. O Gita também diz: “Oh Gudakesa, eu sou o Eu situado no coração de todos os seres; eu sou o início, o meio e o fim de todos os seres.”1

Assim, Deus não apenas vive no coração de todos: Ele é o sustentáculo de todas as coisas. Ele é a fonte, a morada e o final de todas as coisas. Tudo vem Dele, fica Nele, e volta a Ele. Portanto Ele não é separado.

D.: Então como interpretar o verso do Gita que diz: “Todo esse universo é uma partícula do meu corpo”.

B.: Não significa que uma pequena partícula se separa de Deus e forma um universo.

Seu Shakti (poder) está atuando e, como resultado de uma fase dessa atividade o cosmos se manifesta. Assim também a declaração do Purusha Sukta: Podosia viswa bhutani (Todos os seres formam uma parte Dele) não significa que Brahman tem quatro partes2.

D.: Eu entendo isso. Com certeza Brahman não é divisível.

B.: Então a verdade é que Brahman é tudo e é indivisível. Ele é sempre realizado. Mas o homem não sabe disso, e isso é tudo o que ele precisa saber. “Conhecimento” quer dizer superar os obstáculos que obstruem a revelação da Verdade Eterna de que o Eu e Brahman são idênticos. Os

obstáculos como um todo formam a sua idéia de ser um indivíduo separado. Portanto, a atual busca resultará na revelação da verdade de que o Eu não é separado de Brahman.3

Os cristãos, com exceção dos grandes místicos, se apegam à idéia de um ego permanentemente real e separado. Sri Bhagavan teve uma discussão sobre esse ponto com um padre jesuíta, mas esta não pôde ser concluída. Bhagavan tentando levar a mente do padre para a auto-inquirição interior e este exigindo uma exposição teórica do assunto.

1 Bhagavad Gita: X., 20

2 Em muitas escrituras hindus Brahman é descrito simbolicamente como tendo quatro partes. [N.T.]

3 T., 649

O Dr. Emile Gathier, professor de filosofia no Sacred Heart College em Shembaganur, Kodaikanal, perguntou: Você pode me dar um resumo de seus ensinamentos?

B.: Você pode encontrar isso nos livretos que publicam aqui, em especial no Quem sou eu?

D.: Então vou lê-los. Mas será que eu poderia ouvir o ponto central dos seus ensinamentos diretamente dos seus lábios?

B.: O ponto central é a coisa em si.

D.: Para mim não ficou claro o que você quer dizer com isso.

B.: É que você deve encontrar o centro.

D.: Eu venho de Deus. Não é Deus diferente de mim?

B.: Quem faz essa pergunta? Deus não faz. Você a faz. Então primeiro descubra quem você é e então você poderá descobrir se Deus é diferente de

você ou não.

D.: Mas Deus é perfeito e eu sou imperfeito. Então, como eu posso conhecer Deus completamente?

B.: Deus não diz isso. É você que pergunta [que o faz]. Depois de descobrir quem você é, você saberá o que Deus é.

D.: Você descobriu quem você é, então, por favor, diga-me se Deus é diferente de você ou não.

B.: Isso é um assunto experimental: cada um deve experimentar por si mesmo.

D.: Ah, entendi! Deus é infinito e eu sou finito. Eu tenho uma personalidade, e esta nunca pode se unir a Ele, não é verdade?

B.: O infinito e a perfeição não admitem repartições. Se um ser finito está separado do Infinito então a perfeição do Infinito fica desfigurada. Assim, a sua afirmação é uma contradição em termos.

D.: Não. Veja, há Deus e há sua criação.

B.: Como você está consciente de sua personalidade?

D.: Eu tenho uma alma. Eu conheço a minha personalidade por meio de suas atividades.

B.: Você a conhecia durante o sono profundo?

D.: As atividades são suspensas durante o sono profundo.

B.: Mas você existia no sono profundo como existe agora também. Qual desses dois é o seu verdadeiro estado?

D.: Sono e vigília são meramente casuais. Eu sou a substância por detrás deles.

(Ele olhou para o relógio e disse que estava na hora de ir embora para pegar o trem.

Ele agradeceu a Sri Bhagavan e depois saiu. Assim, a conversa acabou abruptamente).1

O seguinte diálogo toca em vários problemas que atormentam os filósofos e teólogos há séculos – Onisciência Divina e livre arbítrio; leis naturais e atividade divina; Deus pessoal e Deus impessoal. Porém, pelo tom das respostas percebe-se que o Bhagavan considerava esses problemas como de importância secundária.

D.: Qual é a relação entre o livre arbítrio e o poder superior do Onipotente? (a) A Onipotência Divina é compatível com o livre-arbítrio do ego? (b) A Onisciência Divina é 1 T., 602

compatível com o livre arbítrio do ego? (c) As leis naturais são compatíveis com o livre arbítrio Divino?

B.: Sim. O livre arbítrio é o presente surgindo para uma faculdade limitada de visão e vontade. Este mesmo ego, quando olha para suas atividades passadas, percebe que elas se desenvolveram segundo certas “leis” ou regras – sendo o seu próprio livre arbítrio um dos elos dessa corrente causal. Então o ego percebe que a Onipotência e Onisciência Divinas agiram através do seu aparente livre arbítrio. Então a pessoa chega à conclusão de que o ego é guiado pelas aparências. As leis naturais são manifestações da vontade de Deus e foram por Ele estabelecidas.1

A conversa que segue mostra muito bem a recusa em se discutir a teoria e a insistência na necessidade da prática.

D.: Deus é pessoal?

B.: Sim, Ele é sempre a primeira pessoa, o Eu, sempre diante dos seus olhos. Mas como você dá prioridade às coisas mundanas, Deus parece ter recuado para segundo plano.

Se você desistir de tudo e buscar apenas Ele, Ele permanecerá como o Eu Real.

D.: O estado final de Realização, segundo o Advaita, é a união absoluta com o Divino, uma união qualificada segundo o Visishtadvaita, enquanto que o Dvaita diz que não há união. Qual dessas deve ser considerada a perspectiva correta?

B.: Para quê especular sobre o que vai acontecer no futuro? Todos concordam que o eu existe. Não importando à qual escola de pensamento pertença o buscador sincero, que ele primeiro descubra o que é esse "eu". Aí então será o momento de saber o que é o estado final e se o "eu" será absorvido pelo Ser Supremo ou se ficará separado dele. É

melhor manter uma mente aberta e não antecipar a conclusão.

D.: Mas algum conhecimento do estado final não é útil para guiar o aspirante?

B.: Não serve para nada tentar decidir agora qual será o estado de Realização final.

Isso não possui nenhum valor intrínseco.

D.: Por que não?

B.: Porque você estaria seguindo um princípio errado. Você alcançará uma conclusão por meio do intelecto, sendo que este brilha apenas pela luz que vem do Eu Real. Não é presunçoso por parte do intelecto julgar Aquilo que é a fonte da sua própria pequena luz?

Como pode o intelecto, que nunca poderá alcançar o Eu Real, ser competente para analisar e ainda decidir a natureza do estado final de Realização? É como tentar medir a luz do sol tendo como parâmetro a luz produzida por uma vela. A cera irá derreter muito antes da vela chegar mesmo que perto do sol. Ao invés de entregar-se à mera especulação, devote-se aqui e agora a buscar a Verdade que está sempre dentro de você.2

Às vezes também lhe faziam perguntas a respeito dos muitos deuses do Hinduísmo.

Em relação a isso deve-se esclarecer que os hindus, como os cristãos e muçulmanos, adoram o Deus Único – inclusive, algumas das perguntas acima sobre este Deus foram feitas por hindus. No entanto, eles também veneram a Deus manifestado em várias formas, sem que um nome, forma, ou ponto de vista negue o outro.

D.: Por que as escrituras mencionam tantos deuses?

1 T., 28

2 M. G., pp. 44-5

34

B.: O corpo é apenas um, mas quantas funções diferentes não são realizadas por ele!

A fonte de todas essas funções é apenas uma. O mesmo se dá com os vários deuses.1

Também lhe perguntavam às vezes se os vários deuses e seus respectivos céus eram reais. Mas essas perguntas partem do pressuposto que este mundo físico e o corpo de quem fez as perguntas são reais – presunção essa que Bhagavan não aceitava. Como sempre, então, ele procurava levar a pessoa a buscar a Realidade.

D.: Os deuses, Ishvara e Vishnu, e seus céus, Kailas e Vaikuntha, são reais?

B.: Tão reais quanto você no seu corpo.

D.: O que eu quero saber é se eles possuem uma existência fenomenal, tal como o meu corpo, ou se são meras ficções, tais como os chifres de uma lebre?

B.: Eles de fato existem.

D.: Sendo assim, eles devem estar em algum lugar. Onde eles estão?

B.: Em você.

D.: Então eles são apenas idéia minha, algo que eu crio e controlo?

B.: Tudo é.

D.: Mas eu posso criar uma mera ficção, como uma lebre com chifres, ou uma verdade parcial, como uma miragem. Fora isso, no entanto, há fatos que existem independentemente da minha imaginação. Os deuses, Ishvara e Vishnu, existem assim?

B.: Sim.

D.: Deus está sujeito à dissolução cósmica ao final de um ciclo universal?

B.: Como Ele poderia estar? Quando um homem realiza o Eu Real ele transcende a dissolução cósmica e é libertado; que dizer então de Ishvara (Deus criador), que é infinitamente mais sábio e capaz que o homem?

D.: Os deuses e demônios também existem?

B.: Sim.

D.: Como devemos conceber a Suprema Consciência Divina?

B.: Como aquilo que é.2

Particularmente interessantes são as perguntas feitas por um professor muçulmano a respeito dos hinos de louvor que o Bhagavan escreveu a Deus na forma de Arunachala.

D.: Eu li os seus “Cinco Hinos”, e neles você se dirige a Arunachala. Mas, sendo você um não-dualista, como você pode se dirigir a Deus como se fosse um Ser separado?

B.: O devoto, os hinos, e Deus são todos o Eu Real.

D.: Mas você está se dirigindo a Deus. Você está tomando esta montanha Arunachala como Deus.

B.: Você pode identificar o Eu Real com o corpo, então por que os devotos não deveriam identificar o Eu Real com Arunachala?

D.: Se Arunachala é também o Eu Real, por que escolher especificamente ela dentre tantas outras montanhas? Deus está em toda parte. Por que especificá-lo como sendo Arunachala?

B.: O que o trouxe desde Allahabad até aqui? O que atraiu todas essas pessoas aqui?

D.: O senhor.

1 T., 371

2 T., 30

B.: E como eu fui atraído até aqui? Por Arunachala. Seu poder não pode ser negado.

Por outro lado, Arunachala está dentro e não fora. O Eu Real é Arunachala.

D.: Nos livros sagrados usa-se muitos termos: Atman, Paramatman, Para, etc. Qual é a graduação entre eles?

B.: Eles significam a mesma coisa para aqueles que usaram essas palavras mas são entendidos diferentemente pelas pessoas, de acordo com seu nível de desenvolvimento.

D.: Mas para que usar tantas palavras para o mesmo significado?

B.: Depende das circunstâncias. Todas querem significar o Eu Real. Para significa não relativo, ou além de relativo, ou seja, o Absoluto.1

Bhagavan muitas vezes fazia comentários que a crítica superficial pode tomar como agnósticos ou ateístas, assim como as críticas superficiais feitas ao ensinamento do Buda.

Por exemplo, ele dizia:

Por que se preocupar com Deus? Nós não sabemos se Deus existe mas sabemos que existimos, então primeiro concentre-se em si mesmo. Descubra quem você é.

Não há nenhum agnosticismo nisso, já que o Bhagavan, assim como o Buda, falava a partir do Conhecimento perfeito. Ele apenas se colocava no lugar de quem fazia a pergunta e o aconselhava a se concentrar mais no que ele sabia do que no que ele meramente acreditava. Muitas vezes ele dizia para as pessoas não se preocuparem se existia ou não um Deus, ou se a Realização implicava em unir-se a Ele ou não, mas simplesmente que elas deveriam se esforçar para realizar o Eu, e que quando isso acontecesse, elas saberiam.

Teorizar sobre esses temas não iria ajudá-los.

Uma vez um devoto leu para um visitante uma versão Malayalam da obra Ulladu Narpadu (Forty Verses). Depois de ouvi-la este perguntou: Poderia me explicar a referência feita à dualidade durante o esforço e unidade no final?2

B.: Ele se refere às pessoas que pensam que deve-se começar o esforço espiritual com uma idéia dualista. Eles dizem que Deus existe e que deve-se meditar sobre Ele e venerá-

lo até que o indivíduo seja completamente absorvido em Deus. Outros dizem que o Ser Supremo e o indivíduo sempre permanecem separados e nunca se fundem. Mas não vamos nos preocupar agora com o que acontece no final. Todos concordam que o indivíduo existe agora. Então que o homem descubra-o – isto é, que ele descubra seu Eu. Depois disso ele poderá descobrir se o eu é absorvido no Supremo, se fica separado Dele, ou se é parte Dele. Não antecipemos a conclusão. Mantenha uma mente aberta, mergulhe no seu interior e encontre o Eu Real. Assim você definitivamente

começará a ver a verdade, então por que tentar decidir antes se a união é absoluta ou qualificada, ou se [não há união] a dualidade persiste? Não há porque fazer isto. A sua decisão seria feita pelo intelecto e pela lógica, mas o intelecto deriva sua luz do Eu Real (Poder Maior), então como pode a sua luz refletida e parcial contemplar a Luz original em sua totalidade? Já que o intelecto não pode chegar ao Eu Real, como poderia ele determinar Sua natureza?3

Explicando o assunto para uma senhora norte-americana, Bhagavan disse: 1 T., 273

2 F. V., 37

3 T., 63

Apenas o Eu Superior é Real. Todo resto é irreal. A mente e o intelecto não existem separados de você. A Bíblia diz: “Permaneça imóvel e saiba que Eu sou Deus”. A quietude ou imobilidade é tudo o que é necessário para realizar que “Eu sou” é Deus.

Depois ele acrescentou:

Todo o Vedanta está contido nas duas declarações bíblicas “Eu sou o que Eu sou” e

“Permaneça imóvel e saiba que Eu sou Deus.1

Para quem achasse a prática da auto-inquirição muito difícil ele recomendava a adoração e a submissão.

D.: Sobre o que deve-se pensar durante a meditação?

B.: O que é a meditação? É a suspensão dos pensamentos. Você é perturbado por seus pensamentos, que surgem um atrás do outro. Segure um só pensamento para que os outros sejam excluídos. A prática contínua dá a força mental necessária para meditar. A meditação difere de acordo com o nível de desenvolvimento do buscador. Se a pessoa está preparada ela pode

diretamente agarrar aquele que pensa, e então o pensador será naturalmente absorvido de volta à Fonte de onde surgiu, que é a Consciência Pura. Se a pessoa não consegue diretamente agarrar o pensador, ele deve meditar sobre Deus e, com o tempo ela se tornará pura o bastante para agarrar o “eu” que pensa e mergulhar no Ser absoluto.2

No caso de ser escolhido o caminho da devoção, ele exigia a entrega absoluta.

D.: Deus é descrito como sendo tanto imanifesto como manifesto. Sendo manifesto, Ele é descrito como incluindo o mundo como parte de Seu Ser. Se isso é assim, nós, como partes do mundo, deveríamos poder conhecê-Lo facilmente em Sua forma manifesta.

B.: Conheça a si mesmo antes de buscar conhecer a natureza de Deus e do mundo.

D.: Conhecer a mim mesmo implica em conhecer Deus?

B.: Sim, Deus está dentro de você.

D.: Então o que me impede de conhecer a mim mesmo ou Deus?

B.: A sua mente que divaga e seus caminhos desvirtuados.

D.: Eu sou uma criatura fraca. Por que o poder superior do Deus interior não remove os obstáculos?

B.: Sim, Ele o fará se você alimentar essa aspiração.

D.: Por que Ele não cria essa aspiração em mim?

B.: Então entregue-se.

D.: Se eu me entregar, não será necessário orar a Deus?

B.: A entrega em si é uma poderosa oração.

D.: Mas não é necessário compreender a natureza de Deus antes de me entregar?

B.: Se você acredita que Deus vai fazer todas as coisas que você quer que Ele faça, então entregue-se a Ele. Caso contrário, deixe Deus em paz e conheça quem é você.3

1 T., 338

2 T., 453

3 M. G., pp. 42-3

Se o devoto se entrega completamente não podem existir a reclamação e a frustração.

D.: Nós somos pessoas mundanas e sofremos de um mal que não podemos superar.

Nós rezamos a Deus mas não somos atendidos. O que devemos fazer?

B.: Confiar em Deus.

D.: Nós nos entregamos a Ele, mas mesmo assim Ele não ajuda.

B.: Entregar-se completamente significa que você deve aceitar a vontade de Deus, e não reclamar do que não lhe agrada. As coisas podem se revelar diferentes do que pareciam. O sofrimento e a aflição muitas vezes levam a pessoa a ter fé em Deus.

D.: Mas nós somos pessoas mundanas. Nós temos esposas, filhos, amigos e relacionamentos. Nós não podemos ignorá-los e nos conformar à vontade de Deus sem manter algum traço de individualidade.

B.: Isso quer dizer que você não se entregou realmente, como imagina ter feito. Tudo o que você precisa é apenas confiar em Deus.1

Para seguir o caminho da devoção deve-se deixar tudo nas mãos de Deus.

O Senhor carrega o fardo do mundo. Saiba que o falso ego que acredita carregar o fardo é como um homem esculpido ao pé da torre de um templo que parece sustentar o peso da torre. De quem é a culpa se o passageiro carrega suas malas no colo para sua própria inconveniência ao invés de acomodá-las no trem, que no final das contas é quem as carrega?2

A entrega incondicional não admite nem mesmo a ânsia de alcançar a Realização rapidamente. Para alguém que sofria dessa aflição Bhagavan respondeu: Renda-se a Ele e aceite a Sua vontade quer Ele apareça ou desapareça. Aguarde Seu capricho. Se você espera que Ele aja como você quer, isso é ordem e não entrega. Você não pode pedir que Ele lhe obedeça e ainda assim pensar que se entregou. Ele sabe o que é melhor para você, e como e quando fazê-lo. Deixe tudo inteiramente com Ele. O fardo é Dele e você não deve mais se preocupar. Todas as suas preocupações e incumbências são na verdade Dele. Isso é entregar-se.3

Até mesmo a oração pode representar uma falta de confiança, e Bhagavan normalmente não encorajava a prece no sentido de pedir algo.

Eles rezam a Deus e no final da oração dizem: “Seja feita a Vossa vontade”. Se a vontade Dele vai ser feita, então por que eles oram? É verdade que a vontade Divina triunfa em todos os momentos e circunstâncias. Os indivíduos não podem agir por si.

Reconheça o poder da vontade Divina e permaneça em silêncio. Deus cuida de todos. Ele criou todos. Você é apenas um entre dois bilhões4. Ele cuida de tantos – será que Ele 1 T., 43

2 F. V. S., 17

3 T., 450

4 Tal era a população aproximada da Terra na época em que esse diálogo ocorreu, em 1938. [N.T.]

esquecerá de você? Mesmo o senso comum concorda que deve-se aceitar a vontade Divina.

Não é necessário dizer a Ele o que você precisa. Ele conhece muito bem suas verdadeiras necessidades, e cuidará de atendê-las.1

Em outras ocasiões, entretanto, ele confirmava a eficácia das orações. Como em outros assuntos, Ramana Maharshi apresentava o ponto de vista que melhor ajudaria o desenvolvimento espiritual daquele buscador em particular.

D.: As nossas preces são atendidas?

B.: Sim, elas são atendidas. Nenhum pensamento é emitido em vão. Cada pensamento produzirá o seu efeito em um ponto ou em outro. A força do pensamento nunca será em vão.2

Como se vê, isso aponta para uma concepção muito mais ampla do que a idéia de um Deus antropomórfico que responde pessoalmente às nossas preces. Entender isso implica assumir responsabilidade por nossos pensamentos tanto quanto assumimos por nossas ações, lembrando que Cristo também disse que olhar para uma mulher com olhos de luxúria é um pecado tanto quanto cometer adultério com ela. A passagem seguinte mostra como esse ensinamento está longe de qualquer concepção antropomórfica de Deus.

As lentes emitem calor, as flores desabrocham, a água evapora e as pessoas desenvolvem as suas várias atividades, tudo pela mera presença dos raios de sol, e não por qualquer desejo, deliberação ou esforço pessoal por parte do sol. A agulha se move pela mera proximidade ao imã. Da mesma forma, a alma (jiva), submetida à atividade tríplice da criação, preservação e destruição – que ocorre pela mera presença do Poder Maior - age de acordo com os seus karmas, retornando ao descanso depois de suas atividades. Mas Deus em Si mesmo não possui nenhuma intenção; nenhuma ação ou evento toca nem mesmo a franja do Seu Ser. Esse estado de distanciamento imaculado pode ser comparado àquele do sol, que não é afetado pelas atividades da vida, ou àquele éter (akasha, o quinto elemento) que a tudo

permeia sem ser afetado pela interação do complexo de qualidades dos outros quatro elementos.3

RELIGIÕES

Já deve estar claro até aqui que o ensinamento de Bhagavan não se opunha ao de nenhuma religião. Se filósofos e teólogos desejassem discutir assuntos metafísicos com o Maharshi ele se recusava e, ao invés disso, buscava levá-los à prática espiritual, como mostra o diálogo com o padre jesuíta na página 31. O conhecimento real desses assuntos só virá com a Iluminação, sendo de pouca utilidade todo o saber teórico a respeito disso.

Rigorosamente falando, Ramana Maharshi não era hindu, já que o Hinduísmo reconhece que aquele que alcança a identidade constante e consciente com o Eu Real está acima de todas as religiões, sendo o pico da montanha para o qual todas elas convergem.

1 T., 594

2 D. D., p. 266-7

3 W., § 17

Bhagavan teve muitos seguidores que não eram hindus, e eles nunca foram aconselhados a trocar de religião.

A religião envolve dois modos de atividade, que podemos chamar de horizontal e vertical. Horizontalmente ela harmoniza e controla a vida do indivíduo e da sociedade de acordo com a fé e a moralidade, dando assim oportunidade e incentivo de levar uma boa vida rumo a uma boa morte. No seu aspecto vertical ela apresenta caminhos espirituais para aqueles que buscam atingir um estado mais elevado, ou realizar a verdade última durante esta vida terrena. Horizontalmente as religiões são mutuamente excludentes, mas não realmente contraditórias, mas Bhagavan estava mais preocupado com seu aspecto vertical, os caminhos rumo à libertação, e portanto o seu ensinamento não colidia com nenhuma religião. Ele guiava

os que seguiam o caminho mais direto e central, que é a busca pelo Eu que ele ensinava; e, para este caminho, qualquer religião pode servir de base. Ele aprovava todas as religiões, e se alguém que não seguisse nenhuma religião formal fosse seguir seus ensinamentos, ele não pedia que eles escolhessem uma religião.

Quando perguntado sobre as diversas práticas religiosas ele sempre acentuava o seu significado mais profundo e, sobre as diferentes religiões, enfatizava a sua unidade básica.

D.: O que é Yoga?

B.: Yoga (união) é necessária para quem está em um estado de viyoga (separação).

Mas na verdade só existe o Um. Se você realizar o Eu Real não existe diferenciação.

D.: É útil se banhar no Ganges?

B.: O Ganges está dentro de você. Banhe-se neste Ganges; ele não vai fazer você tremer de frio.

D.: Nós deveríamos ler o Bhagavad Gita?

B.: Sempre.

D.: Podemos ler a Bíblia também?

B.: A Bíblia e o Gita são o mesmo.

D.: A Bíblia ensina que o homem nasce por meio do pecado.

B.: O homem é pecado. Não existe o sentimento de ser um ser humano durante o sono profundo. O pensamento-corpo faz nascer a idéia do pecado. O nascimento do pensamento em si é o pecado.

D.: A Bíblia diz que a alma humana pode ser perdida.

B.: O que é perdido é o pensamento-eu, que é o ego. O Eu Real é “Eu sou o que Eu sou” [e não pode ser perdido].1

A doutrina da Trindade é explicada da seguinte forma: Deus o Pai é equivalente a Ishvara, Deus o filho é equivalente ao Guru, e Deus o Espírito Santo a Atman (o Eu Real).

“Isvaro gururatmeti murti bheda vibhagina vyomavad vyapta dehaya dakshinamurtaye namah”, significa que Deus aparece ao seu devoto sob a forma de Guru (Filho de Deus) e lhe aponta a imanência do Espírito Santo.

Ou seja: Deus é o Espírito; o Espírito está imanente em toda parte; e o Eu Real, que é o mesmo que Deus, deve ser realizado.2

Ele criticava o estar satisfeito com viver nos céus, sejam hindus ou outros, já que mesmo lá a forma continua e, com ela, a tríade observador-visão-objeto visto, e o Eu Único permanece oculto.

1 T., 164

2 T., 90

D.: Há um pequeno relato das experiências espirituais de Santa Teresa publicado na edição de março da Prabuddha Bharata. Através de sua devoção a uma imagem da Nossa Senhora, esta imagem se tornou animada para ela, e ela estava em beatitude. Isso é o mesmo que saktipata?

B.: A imagem animada indica a profundidade da sua meditação (dhyana bala).

Saktipata prepara a mente para a introversão. Existe, por exemplo, o exercício de concentrar a mente sobre sua própria sombra e, com o tempo e com a prática, esta se torna animada e até responde a perguntas feitas a ela. Isso se dá devido à força da mente ou profundidade da meditação. Mas o que quer que seja externo também é transitório. Tais fenômenos podem dar alegria à pessoa no momento em que ocorrem, mas deles não resulta uma

paz permanente (Shanti). Essa só é alcançada removendo-se a ignorância (avidya).1

D.: Não podemos ver Deus em uma forma concreta?

B.: Sim. Deus está na mente. Uma forma concreta pode ser vista, mas isso ainda acontece na mente do devoto. A forma e aparência sob a qual Deus se manifesta são determinados pela mente do devoto. Mas isso não é a experiência última, pois há um sentimento de dualidade nela. É como um sonho ou visão. Depois de Deus ser percebido a auto-inquirição começa, e é ela que guia o buscador à Auto-Realização. A auto-inquirição é o caminho último.2

Às vezes as suas respostas eram cifradas e epigramáticas. Nelas todas pode-se encontrar a mesma verdade universal; a forma ríspida que algumas poderiam assumir em geral refletiam a agressividade das perguntas feitas ou do comportamento do questionador.

Q.: Qual é a melhor de todas as religiões? Qual é o seu método?

B.: Todos os métodos e religiões são a mesma coisa.

Q.: Mas diferentes métodos são ensinados para se alcançar a libertação.

B.: Por que você quer ser libertado? Por que não continuar como você é agora?

Q.: Eu quero me livrar do sofrimento. Dizem que a libertação é isso.

B.: Isso é o que todas as religiões ensinam.

Q.: Mas qual é o método?

B.: Volte para o lugar de onde você veio.

Q.: De onde eu vim?

B.: É exatamente isso que você precisa descobrir. Essas perguntas surgiam enquanto você dormia profundamente? Não, mas mesmo assim você existia

durante o sono. Você não era a mesma pessoa?

Q.: Sim, eu existia no sono, assim como a mente, mas os sentidos estavam inativos e por isso eu não podia falar.

B.: Por acaso você é um indivíduo? Você é a mente? Por acaso a mente anunciava a sua existência para você enquanto você dormia?

Q.: Não, mas as autoridades dizem que a individualidade é diferente de Deus.

B.: Não se preocupe com Deus; fale apenas por si mesmo.

Q.: E quanto a mim? Quem sou eu?

1 T., 393

2 T., 251

41

B.: É exatamente isso que você precisa descobrir. Então você saberá tudo. Se mesmo havendo alcançado o Auto-Conhecimento, você ainda tiver essas dúvidas, daí então será o momento de perguntar.

Q.: Quando eu acordo eu vejo o mundo e eu permaneço o mesmo.

B.: Mas você não sabe disso durante o sono profundo. E mesmo assim você existe nos dois estados. Quem está diferente agora? A sua natureza é mudar ou permanecer imutável?

Q.: Qual é a prova que tenho?

B.: Alguém precisa de alguma prova de sua própria existência? Apenas esteja consciente de si mesmo e todo o resto será conhecido.

Q.: Então por que os dualistas e não-dualistas discutem tanto?

B.: Se cada um deles se ocupasse apenas da sua tarefa (de buscar a Realização) não haveria discussões.1

As experiências espirituais podem ser expressas de maneira diversa, pois para poder expressá-las é necessário dar uma forma para Aquilo que não tem forma, e as formas são diferentes; mas no fundo elas expressam essencialmente a mesma Realidade.

D.: A experiência do estado mais elevado é a mesma para todos ou há diferença?

B.: O estado mais elevado é o mesmo e a experiência também.

D.: Mas eu vejo diferenças nas interpretações dadas a essa verdade suprema.

B.: As interpretações são feitas pela mente. As mentes são diferentes, e por isso as interpretações também diferem.

D.: O que eu quero dizer é que aqueles que vêem essa Verdade também se expressam diferentemente.

B.: A sua maneira de se expressar pode ser diferente de acordo com a natureza dos buscadores que eles procuram guiar.

D.: Uns falam em termos cristãos, outros em termos muçulmanos, outros ainda em termos budistas, etc. Isso é por causa da cultura em que foram criados?

B.: Qualquer que seja a cultura, a experiência é a mesma. Apenas a forma de se expressar difere de acordo com as circunstâncias.2

O mesmo vale para os diferentes métodos e escolas dentro de uma mesma religião.

D.: Diferentes professores estabeleceram diferentes escolas e proclamaram diferentes verdades, assim confundindo as pessoas. Por que isso?

B.: Todos ensinaram a mesma verdade mas de pontos de vista diferentes. Essas diferenças são necessárias para satisfazer as necessidades de diferentes mentes em diferentes contextos, mas todos esses pontos de vista revelam a mesma verdade.

D.: Mas eles recomendavam caminhos diferentes. Qual eu devo seguir?

B.: Você fala de “caminhos” como se você estivesse em um lugar e o Eu Real em outro, e que você devesse ir até lá atingi-lo. Mas na verdade o Eu Real está aqui e agora e você é e sempre foi Ele. É como você estar aqui e perguntar às pessoas qual é o caminho para chegar ao Ramanasramam, e então reclamar que cada uma aponta um caminho diferente e perguntar qual deve seguir.3

1 T., 479

2 T., 595

3 D. D., p. 270

Ao mesmo tempo em que Bhagavan confirmava as várias visões religiosas, ele estimulava as pessoas a irem além dessas rumo ao Eu Único. Abaixo, Paul Brunton, autor de “A Índia Secreta”1, lhe perguntou sobre as várias doutrinas do céu e do inferno.

D.: Por que as religiões falam de deuses, céu, inferno, etc?

B.: Apenas para as pessoas perceberem que essas coisas estão em par de igualdade com esse nosso mundo, e que apenas o Eu Superior é real. As religiões se expressam de acordo com o ponto de vista do buscador. Pegue por exemplo o Bhagavad Gita. Quando Arjuna disse que não lutaria contra seus próprios familiares e amigos nem para ganhar o reino, Sri Krishna respondeu: “Não é que eles, você e eu não éramos antes, não somos agora, e não seremos depois”. Depois, na medida em que ele ia desenvolvendo o assunto ele declarou que havia dado a mesma instrução ao Sol, a Ikshvaku, etc. Então Arjuna ficou confuso e perguntou: “Como pode ser, você nasceu

faz alguns anos, e eles viveram eras atrás.” Sri Krishna, entendendo o ponto de vista de Arjuna, disse: “Sim, tanto você quanto eu tivemos inúmeras reencarnações; eu as conheço mas você não”. Tais declarações parecem contraditórias, mas cada uma delas está certa de acordo com o ponto de vista de quem fez a pergunta. Cristo também declarou: “Antes de Abraão ser, Eu era.”

D.: Qual é o propósito de tais descrições religiosas?

B.: Apenas revelar a realidade do Eu.

D.: O Bhagavan sempre fala a partir do ponto de vista mais elevado.

B.: (Rindo) As pessoas não compreendem a verdade simples e crua – a verdade da sua experiência diária, sempre presente e eterna; a verdade do Eu Real! Existe alguém que não está consciente do Eu? No entanto, as pessoas nem querem ouvir a respeito disso, mas estão ansiosas para saber o que há além – o céu e o inferno, a reencarnação, etc. Como as pessoas amam o que é misterioso e não a verdade nua e crua, as religiões alimentam essas tendências [apresentando inúmeras visões de mundo] – tudo para no fim levar as pessoas de volta ao Eu. Além disso, por mais que você viaje você deverá retornar ao Eu Real no final; então por que já não permanecer nele aqui e agora?2

Em uma passagem citada anteriormente a pessoa foi aconselhada a ler a Bíblia e o Gita constantemente. Porém, em outras ocasiões ele lembrava que as escrituras também devem ser transcendidas.

Todas as escrituras têm por objetivo apenas fazer com que o homem retroceda sob seus passos de volta à sua fonte original. Ele não precisa ganhar nada novo. Ele só precisa abandonar suas idéias falsas e acreções inúteis. Ao invés de fazer isso, entretanto, ele busca alcançar alguma coisa estranha e misteriosa, porque acredita que a sua felicidade está em algum outro lugar.3

Todas as escrituras proclamam sem exceção que para se alcançar a libertação a mente deve ser transcendida. E, uma vez que a pessoa saiba que seu objetivo último é o controle da mente, é fútil fazer um estudo

interminável delas. O que é necessário para esse controle 1 Publicado no Brasil pela Editora Pensamento. [N.T.]

2 T., 145

3 T., 252

da mente é investigar dentro de si através da auto-interrogação “Quem sou eu?”. Como poderia essa investigação na busca pelo Eu ser feita através do estudo das escrituras?1

Você deve realizar o Eu Real através do seu próprio Olho da Sabedoria. Por acaso Rama precisa de um espelho para saber que é Rama?2 Àquilo a que o “Eu” se refere está dentro dos cinco revestimentos3, enquanto que as escrituras estão fora deles. Por isso, é fútil buscar encontrar por meio das escrituras o Eu Real, que é realizado através da rejeição desses cinco revestimentos.4

A Libertação consiste apenas em investigar “quem sou eu que estou preso?” e conhecer a sua própria natureza. A auto-inquirição (atma-vichara) é manter a mente (a atenção) constantemente interiorizada e fixada no Eu, enquanto que a meditação (dhyana) consiste em contemplar fervorosamente “eu sou o Absoluto (Brahman)”, que é Ser-Consciência-Beatitude (Sat-Chit-Ananda).5

De fato, chegará um momento em que você deverá esquecer tudo o que aprendeu.6

O Homem Realizado é Aquele a que se referem todos os atributos enumerados nas escrituras. Para ele, portanto, esses textos sagrados são completamente inúteis.7

1 W., § 23

2 W., § 20

3 O termo “corpo” compreende cinco revestimentos (kosas), que velam e limitam a “Realidade” ou o “Eu Real”. Fala-se dos cinco revestimentos correspondendo a três corpos, que, conjuntamente, recebem o nome de “corpo”. São eles: (a) o corpo físico ou grosseiro que corresponde ao revestimento annamayakosa; (b) o corpo sutil ou mental, composto pelos revestimentos pranamayakosa (cuja função é manter a vida através da respiração e forças vitais sutis), manomayakosa (ou “mente”, responsável pelas sensações e pensamentos), e vijnanamayakosa (o intelecto ou consciência discriminativa); e (c) o corpo causal, que corresponde ao revestimento anandamayakosa (“corpo da ignorância” ou “corpo da beatitude” – veja glossário). Os três corpos relacionam-se também aos três estados da mente: o corpo físico ao estado de vigília; o corpo sutil ao estado de sonhos; e o corpo causal que relaciona-se ao estado de sono profundo (não sendo nada além de um estado de ignorância ou inconsciência no qual o ego e a mente subsistem apenas de forma latente). [N.T.]

4 W., § 23

5 W., § 27

6 W., § 23

7 S. I., Cap. IV, § 9

[Estou tentando publicar o presente livro. Em que pese inúmeras editoras terem declinado a proposta, há ainda uma editora interessada. Por este motivo, não estou disponibilizando o livro completo na internet, mas apenas o prefácio e primeiro capítulo.

Caso não dê certo esta última tentativa de publicação, disponibilizarei o livro inteiro, neste site.

Para informações, entre em contato comigo, mediante o email deste site.

Niraj.]

GLOSSÁRIO

Advaita

“Não-dualidade, às vezes erroneamente traduzido como “Monismo”.

O Advaita Vedanta é a tradição metafísica do não-dualismo, baseada nos Upanishads.

Ajata-vada

(Teoria da não-causalidade). É uma antiga teoria hindu que postula que a criação nunca ocorreu. Segundo essa teoria, tempo, espaço, causa e efeito, fenômenos e criação são apenas ilusões que existem nas mentes dos homens não-iluminados (ajnanis). É a teoria mais elevada, e só pode ser compreendida e aceita por aspirantes completamente maduros. Ver drishti-srishti-vada e srishti-drishti-vada.

Alimentos Sattvicos São os alimentos que desenvolvem a qualidade sattvica da mente: frutas, vegetais, cereais, leite e derivados. Os alimentos que induzem rajas (atividade) são: carnes, peixes, pimentas e comidas picantes, alho e cebola. Alimentos que induzem a tamas (preguiça e obscuridade) são os alimentos deteriorados, podres, velhos, e os que são o resultado de processos de fermentação, como o álcool. Veja sattva, rajas, tamas.

Aham

“Eu”; o eu corporificado; alma (jiva).

Aham Bramasmi

“Eu sou Brahman”, declaração dos Upanishads, muitas vezes tomada como objeto de reflexão e meditação.

Ahamkara

Ego.

Aham-mukha

“Auto-atenção”, outro nome dado à prática da auto-inquirição, isto é, manter a mente focada em sua fonte, que é o pensamento-“eu”

(aham-vritti).

Aham-vritti

Pensamento-“eu”.

Ajna chakra

Chakra situado entre as sobrancelhas.

Ajnana

Ignorância. O prefixo “a” denota uma negativa, de modo que o significado literal da palavra é falta de Conhecimento (Jnana).

Akasha

Ananda

Bem-Aventurança, Beatitude, Felicidade suprema.

Anandamayakosa

“Revestimento da ignorância”, ou corpo causal: um dos cinco revestimentos da Realidade, sendo o único que permanece no estado de sono profundo, quando se experimenta a Beatitude da não-mente (por isso é muitas vezes chamado “revestimento da Bem-Aventurança”). Não deve ser confundido, entretanto, com a pura Bem-Aventurança (Ananda) que é fruto da Libertação, ou seja, da superação dos cinco revestimentos.

Annamayakosa

“Revestimento feito de comida”, ou corpo físico, um dos cinco revestimentos da Realidade.

Anubhava

Experiência, realização.

Anugraha

Graça.

Arunachala

A montanha sagrada no sul da Índia onde Sri Ramana passou toda sua vida adulta. Em certa ocasião Bhagavan disse que Arunachala tinha sido seu Guru.

Asanas

Posturas do hatha-yoga, e o terceiro estágio do ashtanga-yoga de Patanjali.

Ashram

“Estabelecimento” ou “colônia”, comum na Índia, que se desenvolve em torno de um Sábio ou Guru. Muitas vezes mal traduzido como

“mosteiro”.

Ashtanga yoga

Sistema de yoga codificado por Patanjali no seu Yoga sutras, datado de 200 a.C., consistindo em oito níveis de disciplina ou meios (sadhanas) para se atingir a união (yoga) com o Divino.

Asramam

A forma Tâmil de “ashram”.

Atma ou Atman

Eu Real, idêntico a Brahman. Também traduzido como “Si-mesmo”, ou apenas “Eu”.

Atmanadi

Atmanadi, Paranadi, Jivanadi e Amritanadi são nomes da corrente de energia que surge do Coração rumo ao sahasrara durante a dhyana (meditação) do jnana-marga (Caminho do Conhecimento).

Atma-vichara

Auto-inquirição.

Avatar

“Descendente”. Advento ou encarnação de Deus.

Avidya

Ignorância; sinônimo de ajnana.

Ayurveda

Sistema tradicional de medicina hindu.

Bhagavad Gita

Literalmente, “Canção Celestial”. Porção do épico hindu Mahabarata que contém um diálogo entre o Avatar Krishna e o guerreiro Arjuna, seu discípulo, sendo um dos pilares da filosofia hindu. Obra do século II a.C., composta de 700 versos espirituais divididos em dezoito capítulos.

Bhagavan

A palavra comumente usada para significar Deus. Termos como Brahman, Vishnu, Shiva e nomes dos vários aspectos de Deus são mais técnicos e filosóficos. Na conversação normal diz-se

“Bhagavan” (Deus) ou “Swami” (o Senhor). Esse termo “Bhagavan”

é usado para dirigir-se àqueles poucos Sábios supremos que são reconhecidos como inteiramente Unos com Deus.

Bhagavata

Também chamado de Bhagavatam: uma obra que narra parte da vida e dos ensinamentos de Krishna.

Bhakti

Devoção, Amor.

Bhakti-marga

O caminho (marga) de aproximação de Deus através da adoração e devoção a Ele.

Bhavana

Meditação contínua; concentração firme da mente; contemplação de uma deidade personificada com sentimento de grande devoção.

Brahmacharya

Literalmente, “viver em Brahman”. Comumente usado para significar castidade, ou a primeira das etapas da vida segundo o sistema hindu – a etapa dos estudantes religiosos celibatários.

Brahman

O Absoluto impessoal do hinduísmo; o Ser Supremo. Não confundir com Brahma, que é a primeira divindade da Trindade hindu, a quem coube a criação do mundo.

Brihad Aranyaka

Parte dos Upanishads que lida com a criação e evolução do universo.

Upanishad

Chakras

Em sânscrito, significa “roda”, “disco”. São os centros energéticos acumuladores de energia vital (prana) localizados no corpo etérico do ser humano.

Dakshinamurti Stotra Hino de louvor a Sri Dakshinamurti, composto por Sri Sankaracharya. Dakshinamurti é uma manifestação de Shiva, e ele ensinava por meio do silêncio.

Darshan

Literalmente, “vista”. É a graça que é recebida através do olhar e da presença silenciosa do Sábio.

Dhyana

Meditação. O sétimo estágio do ashtanga yoga.

Dhyana-bala

A força da meditação.

Drishti-srishti-vada Teoria da “criação simultânea”, que ensina que o mundo que aparece ao ajnani é produto da mente que o percebe, e que na ausência desta o mundo cessa de existir. Ver srishti-drishti-vada e ajata-vada.

Dvaita

Ensinamento filosófico do Dualismo.

Ekagrata

Concentração, unidirecionalidade; manter a atenção focada em um só ponto.

Ganesha

Um deus hindu com corpo humano e cabeça de elefante; ele é o filho mais velho de Shiva. Também conhecido como Ganapati.

Gayatri

O mantra Védico mais famoso, extraído do Rig Veda.

Gujarati

Pessoa membro da região Gujarat, uma região localizada no oeste da Índia, ao norte de Mumbai (antiga Bombaim).

Gunas

As três qualidades básicas de toda manifestação: rajas (atividade, movimento), tamas (inércia), e sattva (equilíbrio, harmonia).

Hatha yoga

Caminho do yoga codificado por Swatmarama, autor do Hatha-yoga Pradipika. É o caminho do esforço e da disciplina rigorosa, que dá ênfase à obtenção de uma saúde perfeita por meio da prática de asanas. Considera-se como sendo complementar ao raja-yoga de Patanjali.

Hatha yogis

Praticantes do Hatha Yoga.

Hrdayam

O Coração.

Isvara ou Ishvara

Deus Pessoal, Criador.

Jiva

A alma, ou eu individual.

Jivanadi Veja atmanadi.

Jivanmukta

Alguém que alcançou a Libertação completa ainda enquanto vivendo no corpo.

Jivanmukti

Libertação enquanto ainda vivo.

Jnana

Conhecimento do Eu Real (Atman). É a Sabedoria, a Iluminação Espiritual. Pronuncia-se “gnana”, com o g mudo.

Jnani

Sábio, Iluminado, o Ser Realizado. Aquele que realizou o Eu Real e está em constante e inabalável identidade com o Absoluto.

Pronuncia-se “gnani”, com o g mudo.

Jnana-marga

O Caminho do Conhecimento. É um dos quatro caminhos, sendo os outros três: Yoga-marga (Caminho da Meditação), Bhakti-marga (Caminho da Devoção), e Karma-marga (Caminho da Ação).

Kalpaka Uma espécie de árvore encontra em solo indiano.

Karma

Literalmente significa “ação”, mas é também freqüentemente utilizado com o significado de “conseqüências das ações” e

“destino”. O karma é um elemento comum em todas as religiões orientais. É uma teoria que declara que cada indivíduo deve experimentar os frutos de suas ações (karmas); boas ações trazem bons resultados e más ações trazem o sofrimento como conseqüência. Ainda, o karma é dividido em três espécies: sanchita karma (o depósito de todo karma passado); prarabdha karma (muitas vezes traduzido como “destino”, é a parte do sanchita karma que será trabalhada na presente vida), e agami karma (o novo karma acumulado na presente vida e que dará frutos em vidas futuras).

Karma-marga

“Caminho da Ação”. É a via espiritual do cumprimento desinteressado dos deveres, que prescreve agir sempre sem a noção de um “eu”, e sem desejar para si os frutos das ações.

Kaivalya Navaneeta Um famoso clássico Vedanta freqüentemente citado pelo Maharshi.

Kundalini

(I) Princípio yóguico de poder, representado por uma serpente que permanece adormecida no chakra mais baixo, o muladhara (localizado na base da coluna vertebral). A subida da kundalini até o chakra mais elevado, o sahasrara (localizado no topo da cabeça), é o objetivo central do Tantrismo e do Hatha Yoga. (II) A Ilusão Primordial.

Laya

Literalmente significa “dissolução”. Sri Ramana utiliza esse termo para indicar um estado no qual as atividades da mente ficam temporariamente suspensas.

Lila ou leela

Literalmente, “jogo, brincadeira”. Toda criação, maya, é considerada a brincadeira cósmica de Deus.

Maharashtra

Um estado do centro-oeste da Índia, cuja capital é Mumbai.

49

Mahatma

“Grande Alma”, um grande homem ou santo.

Malayalam

Uma das línguas vernaculares do sul da Índia.

Manomayakosa

“Revestimento da mente”, um dos cinco revestimentos da Realidade.

Juntamente com o pranamayakosa e o vijnanamayakosa compõe o corpo sutil ou etérico.

Mantra

Sons sagrados dados ao discípulo pelo Guru, geralmente usado para recitações ou encantações.

Maya

Ilusão. Literalmente, “aquilo que não é”.

Mithya

“Imaginário, falso”.

Moksha

Libertação; estado de emancipação final, livre do renascimento.

Mukta

A pessoa Libertada.

Mukti

Libertação (sinônimo de moksha).

Nada

Som místico interior.

Nadi

Os 72.000 nervos psíquicos do corpo, que carregam a força vital (prana).

Nishkarma

Ação feita abnegadamente, sem ego (sem o sentimento de ser o agente) e sem desejo pelos frutos da ação.

Pândita

Um erudito ou estudioso.

Para

Deus.

Paramatman

Eu Supremo, Brahman Universal.

Paranadi

Veja atmanadi.

Parayanam

Canto e dança.

Parsi

Pessoa descendente do grupo de imigrantes que, no século VIII, fugiram da Pérsia para a Índia devido à perseguições religiosas.

Periyapurnam

Escritura Tâmil, cujo autor é Sekkilar, que relata a vida de sessenta e três santos, entre os quais se destacam Sundaramurti e Manikkavachagar.

Prabuddha Bharata Um periódico mensal da Ramakrishna Order criado em 1896 por Swami Vivekananda.

Prana

Respiração; energia vital do corpo.

Pranayama

“Controle da respiração”; exercícios respiratórios que têm por objetivo regular a respiração ou retê-la por completo, assim levando a mente ao samadhi. É o quarto estágio do ashtanga yoga.

Prarabdha karma

A parte do karma passado cujo efeito será experimentado nesta vida.

Às vezes é traduzido como “destino”. Veja karma.

Punjabi

Uma pessoa pertencente à Punjab, região do noroeste da Índia.

Puranas

“História antiga”. Conjunto de dezoito livros sagrados hindus atribuídos ao Sábio Vyasa, lidando com a criação primária e secundária, teologia, e especialmente as histórias dos reis e sábios.

Purnam

Completude, Plenitude, Infinito. Uma das características da Realidade suprema, que é inexaurível.

Purusha Sukta

Uma porção do Rig Veda, que é a escritura hindu mais antiga.

50

Rajas

“Atividade”, uma das três qualidades primárias (gunas); sua cor é o vermelho. Veja tamas, sattva, gunas.

Ramana Gita

Obra composta por Vasishta Ganapati Muni, contendo ensinamentos de Sri Ramana e comentários.

Sad-Guru

Guru verdadeiro; Guru perfeito.

Sadhaka (ou Sadhak) Buscador espiritual; aspirante.

Sadhana

Prática espiritual; técnica de esforço espiritual; caminho rumo à Iluminação.

Sadhu

Tradicionalmente esse termo significa aquele que renunciou o mundo em busca da Realização espiritual. Às vezes é utilizado no termo mais amplo significando “buscador espiritual” ou “pessoa nobre”. No entanto, freqüentemente Ramana Maharshi usava esse termo como um título àquele que realizou o Eu, ou seja, que alcançou o objetivo da sadhana.

Sahasrara

“Lótus de mil pétalas”: o sétimo chakra, situado no topo da cabeça.

Saktipata

“Graça”. Saktipata é o termo usado no Tantra, enquanto que anugraha é o termo usado nos caminhos de Bhakti e Yoga.

Samadhi

Sri Ramana utiliza esse termo para se referir ao estado de experiência direta ou absorção no Eu Real.

Samsara

A cadeia de nascimento, morte e renascimento que toda alma (jiva, ou ego) está sujeita, e que só termina com a Realização. Usado muitas vezes com o sentido de sofrimento, miséria, infelicidade.

Samskaras

Tendências mentais latentes, formadas por ações e hábitos mentais passados.

Sannyasa

Renúncia.

Sannyasin

Aquele que renunciou o lar, à propriedade, à casta e a todos os interesses humanos e prazeres em favor da busca espiritual. Para o sannyasin a renúncia é definitiva, ao passo que o sadhu tem a liberdade de poder voltar à família. Um sannyasin usa o manto ocre como símbolo de sua renúncia, enquanto que o sadhu usa um dothi branco.

Sat-Chit-Ananda

“Ser-Consciência-Beatitude”, os três aspectos do Eu Real, ou Absoluto.

Sat sang

“Associação com o Real” ou “comunhão com a Verdade” – prática espiritual de freqüentar a boa companhia dos santos, sábios e Iluminados.

Sattva

“Pureza, harmonia”, uma das três qualidades primárias (gunas); sua cor é o branco. Veja alimentos sattvicos.

Shakti ou Sakti

“Poder”. É a Energia, Atividade ou Força de algum Aspecto Divino.

Na mitologia hindu um Aspecto ou Princípio Divino é representado como um Deus e sua Energia ou Atividade é representada como sua esposa.

Shanti

Paz.

Siddha

(I) Aquele que desenvolveu poderes sobrenaturais; (II) ser perfeito.

Siddhi

(I) Poder sobrenatural; (II) perfeição espiritual. Literalmente,

“conquista”.

Shiva ou Siva

Terceira divindade da Trindade hindu, representa o princípio da Destruição, Morte e Renovação. Os outros dois princípios são representados por Brahma (o Criador) e Vishnu (o Mantenedor).

Ramana Maharshi geralmente usa essa palavra como sinônimo de Eu Real, ou Absoluto (Brahman). Pronuncia-se “xiva”.

Srimad Bhagavad

Veja Bhagavad Gita.

Gita

Srishti-drishti-vada Teoria da criação gradual. É a visão comum que toma o mundo como uma realidade objetiva e governada por leis de causa e efeito, que podem ser remetidas de volta a um ato único de criação.

Sushumna

Um canal psíquico (nadi) situado na espinha.

Svarga

Um dos céus descritos nos Vedas. É o céu de Indra (o rei dos deuses), onde as pessoas virtuosas e que fizeram boas ações experimentam o fruto destas, antes de novamente encarnar na terra.

Tamas

“Obscuridade, inércia”, uma das três qualidades primárias (gunas); sua cor é o preto. Veja rajas, sattva, gunas.

Tâmil

Uma das línguas faladas no sul da Índia. Quando se usa como adjetivo refere-se a alguém que fala Tâmil ou que vive no estado indiano Tâmil Nadu.

Tantra Sastra

Escritura que expõe os ensinamentos Tântricos.

Tattvas

Qualidades, princípios ou categorias da existência; elementos metafísicos; a essência de alguma coisa.

Thayumanavar

Grande poeta e Santo Tâmil.

Tiruvachakam

Uma obra do santo Tâmil Manikkavachagar, que viveu no século IX

d.C. O Tiruvachakam era uma das obras devocionais favoritas de Ramana Maharshi.

Ulladu Narpadu

Uma obra de Sri Ramana Maharshi composta de quarenta versos sobre a Realidade.

Upadesa

Ensinamentos espirituais; instrução dada a um discípulo por seu Guru.

Upanishad

“Sentar-se perto”. Texto filosófico esotérico hindu que expõe a filosofia do não-dualismo. (advaita vedanta); esses textos são considerados a conclusão dos Vedas, e a última fase da revelação.

Vaikuntha

Céu de Vishnu, um dos três deuses principais do Hinduísmo, cujo princípio é conservar, manter.

Vairagya

Desapego.

Vaishnavitas Seita hindu dos adoradores de Vishnu.

Vasanas

“Traço, marca”; tendências mentais.

Vedantins

Seguidores do Vedanta.

Vedas

Quatro coleções de escrituras datando de 2.000 a 500 a.C., e que são a fonte última de autoridade no Hinduísmo.

Vedanta

(“Fim do Veda”) A tradição filosófica predominante no Hinduísmo, que ensina que a Realidade é não-dual (advaita).

Vibhakti

Falta de devoção.

Vichara sagara

“Oceano de inquirição”, um trabalho volumoso escrito em hindi por Sadhu Nischaldas.

Videhamukti

Realização após deixar o corpo. Ideal de algumas escolas vedânticas que negam a possibilidade da Realização completa no corpo físico.

Vijnanamayakosa

“Revestimento da Inteligência”, um dos cinco revestimentos da Realidade. É um dos revestimentos que compõe o corpo sutil.

Visishtadvaita

Não-dualismo qualificado.

Viveka Chudamani

“A Suprema Jóia do Discernimento”, uma obra não-dualista atribuída a Sri Sankaracharya.

Viyoga

Separação.

Vrittis

Modificações mentais; movimentos da consciência. Às vezes traduzido como “conceitos” ou “pensamentos”.

Yoga

Literalmente, “União”. Um dos seis sistemas ortodoxos da filosofia hindu, que parte do ponto de vista da dualidade (dvaita) para chegar à união com Brahman, o Absoluto. Muitas vezes é usado como sinônimo de Raja Yoga ou Ashtanga Yoga.

Yoga-Sastras

As escrituras do Yoga.

Yoga Vasishta

Um extenso texto poético que expõe o Yoga não-dualista, no qual o Sábio Vasishta responde perguntas feitas por Rama, uma encarnação de Vishnu.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Abraão, 20, 43

Abu Said, 48

Alimentação, 107, 108

Analogia do ladrão e policial, 77

Anubhava, 104

Arjuna, 20, 43, 49

Arunachala, 8,10, 35-6, 66, 87

como Guru, 66

Asanas, 91, 100

Ashtanga Yoga, 98

Atma, 29, 36, 40, 51, 52, 110, 120, 125, 134

Aurobindo, Sri, 65-6

B

Bannerjee, Sr., 73, 132

Bhagavad Gita, 19-20, 23, 32, 40, 43, 49, 80, 125

Bhagavata, 74, 132

Bhakti marga, 48, 88, 109-10, 112

Bhargava, Sr., 90

Bhavana, 104

Bíblia e o Gita, 40

Brahman, 8, 12-14, 16, 28, 31-2, 44, 55, 85, 93-4, 96, 109-10, 130

Brihad Aranyaka Upanishad, 21

Buda, 54, 65, 128

conhecido como Bhagavan, 9

ignorava a teoria, 10

não era agnóstico, 36

Budismo e Hinduísmo, 12

doutrina de anatta, 22, 128

Buddhist Bible, A, 128

C

Celibato, 55, 109

Centros yóguicos (ver também “Chakras”), 24, 88, 105

Chadwick, Major, 14

Chakras, 24, 87-8, 102, 104-5

Cinema, usado como metáfora, 12-3, 63, 132

Clariaudiência, 125

54

Clarividência, 125

Cohen, S.S., 65

Controle da respiração, 98-100, 105-6, 117

Convergência de Jnana e Bhakti, 88, 110-11, 114

Coração no lado direito do peito, 23-4

concentração no, 87

coração e mente, 23-6, 102-6

fonte da Consciência, 87-8, 102, 105

fonte do pensamento-“eu”, 77, 87, 130

não é um chakra, 24, 88

Corão, 48

Cosmologia, 14

Criação, gradual ou instantânea, 14, 96-7

D

Dakshinamurti, 70

Dattatreya, 66

Desai, Sra., 46

Deus, 31-9

entrega a, 109-14

mente pura, 130

visões de, 40-1

Disputas intelectuais, desencorajamento de, 11

Doutrina Ajata, 96-7

Drishti Srishti Vada, 96-7

Dvaita, 34

E

Eckhart, Meister, 122

Eclesiastes, 24

Ekagrata, 100, 117

Entrega, 37-38, 62, 109-14

Esforço, a necessidade de, 19, 48

Erudição, não encorajada, 10-1

Escrituras, o propósito das, 11, 14, 43-4

são em última análise inúteis, 11, 43-4

Europeus, 92

“Eu sou Ele”, crítica à meditação, 15-6, 82, 93-4

Evans-Wentz, 63, 71, 91, 108

F

Filosofia, crítica à, 11-12

Focar-se na luz, 101

55

“Forty Verses”, 36

G

Gandhi, Mahatma, 62

Ganesha, 110

Ganges, banhar-se no, 40, 98

Garbhopanishad, 105

Gathier, Fr. S.J., 33

Gayatri, 66

George V, morte de, 23

Goddard, Dwight, 128

Graça, a necessidade da, 50-2

Gudakesa (um nome de Arjuna), 32

Gunas, 29-30

H

Hatha Yoga, 101

I

Ikshvaku, 20, 43

Ilusão, doutrina da, 11-5

Individualidade, perda da, 110-11

Iniciação, 66-73, 121

Invisibilidade, 124-5

Ishvara, 35

J

Janaka, 26

Japa, 114-6

Jejum, 108-9

Jivanadi, 105-6

Jivanmukta, 73-4, 120, 130, 132

Jivanmukti, idêntico à Videhamukti, 73, 112, 132

Jnana, 29, 47, 59, 61, 70, 86, 92, 110-1, 114-5, 124, 130

Jnaneswar Maharaj, 96

K

Kailas, 35

Kaivalya Navaneeta, 52

Karma marga, 76, 116-8

Kevala samadhi, 126

56

Krishna, 20, 43, 49, 64

Krishnamurti, J., 48

Kundalini, 105-6

L

Lao-Tsé, 129

Libertação e prisão, 15, 45, 120, 134

Lila, 14

Livre arbítrio, 45-7

M

Madurai, 7

Margas, 126

Maria e Martha, 128

Masalawala, Dr., 74, 96-7

Maya, 12, 14, 32, 49, 51, 69, 79, 133-4

Morte, experiência da, 7-8

Místico, 123

N

Nada upasana, 102

Nadi, 105-6

Nammalwar, 19, 110

Nicholson, prof,. 48

Nirvikalpa samadhi, 126-7

O

Ocultista, 123

OM, 115

P

Paramatman, o significado de, 36

Pecado, 29-31

Periapuranam, 8

Piggot, Sra., 108

Plotinus, 122

Poderes ocultos, 123-4

Política, atividade, 61-2

Prarabdha, 45, 58-9

Prasad, 98

57

Preces atendidas, 39

Predestinação, 45-8

Purusha sukta, 32, 105

Q

Quarto estado, 19, 132

“Quem sou eu?” não é um mantra, 84, 92

R

Realização, a mesma em todas as religiões, 42-3

no início não é permanente, 49, 122

não há níveis de, 121-132

Reencarnação, 19-23

Reforma social, 59

Resposta à mãe, 45

Ribhu Gita, 8

Roy, Dilip Kumar, 65-6

S

Sahaja samadhi, 126-7, 132

Sahasrara, 87-8, 105-6

Sai Baba, 115

Santa Teresa, 41

Santidade, Santos, 120-1, 123

Samadhi, 21, 49, 54, 88-9, 101, 103, 106, 122, 126-7, 131-2

Samskaras, 96

Sannyas, 55

Sat sang, 97

Sáttvica, alimentação, 107-9

Savikalpa samadhi, 126

Shakti, 12, 14, 32, 88, 105

Shankara, o ensinamento de, 11-2

a doutrina de Maya, 12-4, 45

Siddhis, 123-5, 134

Silêncio, 8, 27, 38, 45, 48, 57, 62-4, 69-74, 76, 106-7

Sita Upanishad, 23

Shiva, visão de, 113-4

Sociedade Teosófica, 68

Sofrimento, 25-9, 60-1

Solidão, 57, 64, 76

Sonho, 13, 15, 17-20, 50, 61, 64, 69, 78, 80, 96, 128-9, 132-4

Sono, 17-9, 21-2, 24-7, 33, 40-2, 50, 58, 61, 80-1, 89, 99, 101, 104, 115, 126-7, 131-2

Sons, Concentração em, 101

58

Srishti drishti vada, 96-7

Subbaramiah, G.V., 87

Super-homem, poderes de, 123

Sushumna, 105-6

Sutra do Diamante, 128

Svarga, 121

Syed, Dr., 111

T

Tantra Sastra, 88

Tao Te King, 129

Tattvas, 78

Thayumanavar, 8, 48

Tevaram, 8

Thompson, Sr., 32

Tiruvachakam, 30

Tiruvannamalai, 7-8, 131, 133

Trindade, 40

Turiya, 132

U

Uma Devi, 113

Upadesa, 67, 73

Upanishads, 12, 51, 66, 85, 105-6

V

Vaikuntha, 35, 121

Vairagya, 87, 107, 117

Valmiki, 124

Vasanas, 30, 48, 100, 106, 116-7, 122, 127

Vasishta, 124

Vidas passadas, conhecimento de, 21, 45, 48, 50, 96, 123

Videhamukti, 73, 112, 132

Vishnu, 35, 111

Visishtadvaita, 34

Viveka Chudamani, 90

Vazio, 18, 89-91, 93, 130-1

Y

Yoga, 40, 47, 91, 99, 126

Yogananda, Swami, 31

Contracapa

Em Os Ensinamentos de Ramana Maharshi em suas Próprias Palavras, Arthur Osborne conseguiu apresentar de forma sintética os ensinamentos essenciais do Maharshi, através de um processo de seleção a partir de seus diálogos e trabalhos escritos.

Os ensinamentos foram classificados sob assuntos diversos. Este livro preenche o propósito de ser um compêndio curto e confiável dos ensinamentos de Bhagavan – que nos primeiros anos só eram disponíveis na forma de diários. As notas do autor também são de grande valor.

** *** **

Arthur Osborne (1906-1970) foi um dos mais conhecidos devotos de Ramana Maharshi. Ele é particularmente conhecido por ter sido o editor fundador de “The Mountain Path”, um periódico espiritual publicado por Sri Ramanasramam. Ele foi editor do periódico até 1970.

Graduado em História pela Universidade de Oxford, ele estava na faculdade de Chulalongkorn em Bangkok, Tailândia (antigo Sião). Ele ficou interno por algum tempo nos anos 40, sob ordem dos Japoneses (durante a segunda guerra mundial). Depois da soltura e evacuação em 1945, ele veio à Índia – direto ao Ashram do Maharshi. Sua família já estava vivendo lá.

Ele buscou refúgio aos pés do Maharshi, e tornou-se um devoto ardente. Sua família também.

Arthur Osborne é também o Editor de Collected Works of Ramana Maharshi e Ramana Maharshi e o Caminho do Auto-Conhecimento. Ele também tem muitos outros trabalhos publicados em seu nome.